

Atlas dos Recursos Turísticos da Natureza-Cultura da ilha Terceira, Açores

Projeto de Final de Licenciatura em Natureza e Património

Beatriz de Jesus Araújo Tavares Teixeira

Licenciatura em

NATUREZA E PATRIMÓNIO



Atlas dos Recursos Turísticos da Natureza-Cultura da ilha Terceira, Açores

Projeto de Final de Licenciatura em Natureza e Património

Beatriz de Jesus Araújo Tavares Teixeira

Orientador

Professor Doutor Rui de Sousa Martins

Trabalho de Projeto submetido como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em Natureza e Património



Agradecimentos

A realização deste trabalho não seria possível sem a orientação, colaboração, apoio e amizade de algumas pessoas, a quem desejo expressar o meu profundo agradecimento:

Ao meu orientador Professor Doutor Rui de Sousa Martins, por ter aceite sem hesitação o meu convite e por todo o apoio, disponibilidade e orientação;

À coordenadora da licenciatura em Natureza e Património, Professora Doutora Rosalina Gabriel, que se mostrou sempre muito disponível para auxiliar os seus alunos;

À Senhora Lorena Silva, desenhadora cartógrafa, da Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica da Secretaria Regional de Turismo e Transportes, a cedência do mapa da base cartográfica CAOP – Carta Administrativa Oficial de Portugal;

À Daniela, por nunca me deixar desistir e acreditar sempre. Pelo apoio incondicional e por toda a ajuda prestada ao longo destes três anos. O seu amparo e altruísmo tornaram esta caminhada muito mais leve;

À Mariana, ao Hélder, à Jéssica e ao Paulo, pela amizade e carinho, que apesar de distantes se fizeram sempre presentes;

Aos colegas e amigos que fiz nesta caminhada, de quem guardarei as melhores memórias;

A todos os profissionais desta instituição que me prepararam para o meu futuro profissional e me fizeram crescer;

Aos meus pais e madrinha, que desde o primeiro momento me apoiaram e tudo fizeram para que nada me faltasse para a realização deste “nosso” sonho.

A todos o meu muito obrigada!

Resumo:

Nos últimos anos, o setor turístico adquiriu uma importância central no desenvolvimento do arquipélago dos Açores e em especial da ilha Terceira.

A fim de contribuir para a gestão, conhecimento e dinamização dos recursos turísticos da natureza-cultura da ilha Terceira, é feita a sua caracterização e respetiva identificação cartográfica.

Impõe-se uma visão global e integrada dos recursos turísticos da natureza, da cultura e da paisagem insular.

Palavras-chave: antropologia, ilha Terceira, recursos turísticos, atlas

Abstract:

In the last few years, the tourism sector has acquired a central importance in the development of the Azores archipelago and in particular of Terceira island.

In order to contribute to management, knowledge and dynamization of the tourist resources of the nature-culture of Terceira island, their characterization and respective cartographic identification is made.

A global and integrated vision of the tourist resources of nature, culture and the island landscape is required.

Keyword: anthropology, Terceira island, tourist resources, atlas

Índice

Agradecimentos	2
Resumo:	3
Abstract:.....	3
1. Introdução	7
2. Natureza-Cultura da ilha Terceira.....	8
2.1. Geomorfologia	8
2.2. Clima.....	8
2.3. Povoamento.....	9
2.4. Formas de povoamento	10
2.5. Produções da Ilha	11
2.6. Cidade de Angra do Heroísmo	12
2.7. Praia da Vitória: Uma Nova Cidade	13
3. Recursos Turísticos Terceirenses.....	15
4. Recursos Geológicos	16
4.1. Classificação do valor patrimonial dos complexos vulcânicos	16
4.2. Monumentos geológicos.....	17
4.3. Cavernas vulcânicas e Património Espeleológico.....	20
4.4. Museu Vulcano-espeleológico dos Montanheiros	22
4.5. Geoparque Açores.....	25
5. Morfologia e Recursos Paisagísticos	26
5.1. Miradouros.....	28
6. Vegetação terrestre.....	31
6.1. Florestas naturais	31
6.2. Floresta plantada de produção e de proteção	31
6.3. Espécies endémicas, invasoras e exóticas	32
6.4. Jardins.....	32
6.5. Vegetação terrestre: Matas e Reservas Florestais	35

6.6.	Centro de Divulgação Florestal da ilha Terceira.....	37
7.	Aves e mamíferos terrestres.....	37
8.	Mar da ilha Terceira.....	41
9.	Marcas de um passado desconhecido.....	44
9.1.	Paisagens Rupestres.....	44
9.2.	Relheiras.....	46
10.	Arquitetura rural terceirense.....	49
10.1.	Quinta do Martelo.....	50
11.	Cidades, vilas e patrimónios urbanos.....	52
11.1.	Edifícios Religiosos.....	52
11.2.	Mercados e Comércio Tradicional.....	55
11.3.	Arquiteturas do espetáculo.....	56
11.3.1.	Teatro Angrense.....	56
11.3.2.	Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo.....	56
11.3.3.	Auditório do Ramo Grande, Praia da Vitória.....	57
11.3.4.	Alpendre, Angra do Heroísmo.....	57
11.4.	Angra do Heroísmo: Património da Humanidade.....	59
12.	Casas nobres e arquitetura de prestígio.....	60
13.	Defesa da ilha e património militar.....	62
14.	Vias de comunicação, transportes e percursos pedestres.....	64
14.1.	Coleção de transportes do Museu de Angra do Heroísmo.....	64
14.2.	Percursos Pedestres.....	65
15.	Produções e alfaias agrárias.....	67
15.1.	Produção e Património vitivinícola.....	67
15.2.	Património Moageiro.....	68
15.2.1.	Moinhos de Água.....	68
15.2.2.	Moinhos de Vento.....	72
16.	Criação de animais de prestígio.....	74
16.1.	Raça autóctone Ramo Grande.....	74
16.2.	Toiro Bravo da ilha Terceira.....	75
16.2.1.	A Rota do Toiro.....	76

16.3.	Pónei da ilha Terceira: raça autóctone portuguesa	80
16.4.	Cão Barbado da ilha Terceira	81
17.	Recursos marítimo e património	82
17.1.	Património Baleeiro	84
17.2.	Reserva Arqueológica Subaquática	86
18.	Alimentação e Património gastronómico.....	90
19.	Artesanato	94
20.	Ciclos Religiosos e Festivos	99
20.1.	Danças de Entrudo	99
20.2.	Ciclo da tourada à corda	100
20.3.	Impérios do Espírito Santo.....	101
20.4.	Sanjoaninas de Angra do Heroísmo	104
20.5.	Ciclo dos Santos Padroeiros	105
20.5.1.	Festa da Serreta	105
20.6.	Festa lúdica	106
20.6.1.	Festas da Praia da Vitória	106
21.	Conclusão.....	107
22.	Fontes.....	108
22.1.	Bibliografia.....	108
22.2.	Webgrafia	111
22.3.	Cartografia.....	114

1. Introdução

A escolha do tema foi feita com o intuito de mostrar os recursos turísticos existentes na ilha, pois a informação que é passada para quem vem de fora é limitada e este trabalho vai ajudar na publicidade do arquipélago dos Açores como sendo um destino de riqueza pela multiplicidade de recursos e da forma como se organizam.

Este atlas tem como principal objetivo o contributo para a gestão, conhecimento e dinamização dos recursos turísticos e consequentemente para a difusão dos valores patrimoniais e turísticos terceirenses e açorianos com muito interesse para a identidade da ilha em si. Ou seja, pretende dar a conhecer o valor patrimonial da ilha, tanto na cultura como também a parte da natureza.

Tem também como intuito deste a elaboração de um atlas etnológico que represente os recursos turísticos naturais, culturais e paisagísticos na ilha Terceira, para que mais tarde possa servir de utensílio de trabalho para operadores turísticos e para aqueles que estejam interessados na etnologia terceirense.

Neste projeto o património estará em enfase, uma vez que são resultantes das características individuais da ilha Terceira, que estão relacionados com o clima, a geologia, localização, do tipo de ocupação e atividade exercida pelo homem.

Para estudar os recursos turísticos da ilha Terceira, recorreremos à bibliografia, à iconografia e à cartografia. A elaboração de cartas temáticas será um elemento metodológico fundamental presente ao longo do trabalho

2. Natureza-Cultura da ilha Terceira

2.1. Geomorfologia

Os Açores possuem a maior lista de fenómenos sísmicos e vulcânicos de entre as ilhas Atlânticas. Este encontra-se numa zona de convergência de várias estruturas tectónicas, responsáveis pela sismicidade e vulcanismo das ilhas, bem como, de certa forma, pelas características petrológicas e geoquímica das lavas emitidas (França *et al.*, 2003:8).

A região dos Açores apresenta uma importante atividade vulcânica e uma notável sismicidade, bem documentadas desde a descoberta e povoamento das ilhas (França *et al.*, 2003:8).

A ilha Terceira é formada por quatro aparelhos vulcânicos principais: o vulcão dos Cinco Picos, o vulcão Guilherme Moniz, do Pico Alto e vulcão de Santa Bárbara (Fernandes, 1985). Estes constituem as unidades de relevo da ilha.

O Arquipélago dos Açores é caracterizado por ter costas elevadas, com arribas que podem atingir algumas centenas de metros de altura. A ilha Terceira tem um pouco de tudo. O vulcanismo presente na ilha, nas suas diversas formas de manifestação, originou vários tipos de combinações que definem o seu litoral.

2.2. Clima

O clima dos Açores é ameno, em que a sua temperatura é fortemente influenciada pelo Oceano, devido à influência da corrente do Golfo. O seu território é frequentemente afetado por depressões associadas a superfícies frontais que atravessam o Atlântico, com elevada humidade (Tomé, 2013:34). Em termos regionais, o clima é influenciado pela orografia de cada ilha (Tomé, 2013:34).

O clima dos Açores é caracterizado por ser subtropical húmido, com muita pluviosidade entre setembro a março, devido à passagem das depressões associadas à frente polar, e com uma percentagem menor de pluviosidade durante os restantes meses devido à influência do anticiclone dos Açores (Tomé, 2013:34).

Na ilha terceira o verão é curto, morno, húmido e seco, enquanto que o inverno é longo, ameno, com precipitação e de ventos intensos. Ao longo do ano, a temperatura varia de 13 °C a 26 °C e raramente é inferior a 9 °C ou superior a 28 °C (Weather Spark, s.d.).

A sua precipitação varia significativamente ao longo do ano. A estação de maior precipitação dura, aproximadamente 7 meses, entre setembro e abril. O mês com mais probabilidade de precipitação é dezembro com uma percentagem de 35%. A estação seca dura 4 meses, ocorrendo entre abril e setembro (Weather Spark, s.d.).

Relativamente à humidade, a ilha Terceira tem variação sazonal extrema na sensação de humidade. O período mais abafado do ano dura 4 meses entre junho e outubro, este que apresenta um nível de conforto “abafado”, opressivo ou extremamente húmido.

2.3. Povoamento

A ilha Terceira está repleta de natureza e tem uma grande abundância de culturas, que em conjunto com muitas outras de diferentes ilhas, formam a identidade do povo açoriano.

A ilha Terceira ganha destaque na altura no seu povoamento, que foi impulsionado devido à sua vantajosa posição geográfica, a sua localização em alto mar entre a Europa e o continente Americano, conhecido como o “Mundo Novo” (Fernandes, 1985). Como eram ilha localizadas no meio do Atlântico, completamente vazias de gente e cobertas por vegetação cerrada,

o que dificultava a entrada, tornou-se num enorme desafio para a fixação de vários grupos de pessoas (Fernandes, 1985).

A ocupação da ilha começou por pontos de fácil acesso por mar, com encostas pouco declivosas para futuros terrenos agrícolas e moradias, de preferência onde houvessem locais par abrigo das embarcações (Fernandes, 1985). Para que a ocupação fosse feita com rapidez, era importante haver o desbravamento das matas que cobriam toda a ilha (Fernandes, 1985).

A fixação do homem foi facilitada com a existência de solo fértil para a cultura de cereais e pelas condições ambientais para a criação de gado (Fernandes, 1985). A agricultura foi o grande sustento para a economia da ilha e do arquipélago na primeira fase do povoamento (Fernandes, 1985).

Outra atividade que impulsionou a economia da ilha, foi a criação de gado, que no início era vista apenas como a alimentação da população, mas como existem ótimas condições ambientais, rapidamente houve a evolução de grande manada, fazendo com que a ilha Terceira fornecesse carne e exportasse gado para o Continente (Fernandes, 1985). Neste aspeto podemos realçar a tão conhecida raça autóctone do Ramo grande, esta que teve uma grande evolução, tendo uma grande importância para a cultura terceirense.

O isolamento do Arquipélago não ajudou na evolução de cada ilha, pois não existia relação com o mundo exterior, nem mesmo entre as próprias ilhas (Fernandes, 1985). No entanto tiveram uma evolução positiva de muito prestígio, que levou à edificação da identidade do povo açoriano, que até hoje é lembrado.

2.4. Formas de povoamento

Foram vários os fatores determinantes para o povoamento da ilha Terceira, dando destaque ao relevo, à evolução histórica e a estrutura fundiária (Fernandes, 1985). No entanto a sua limitada área espacial, não era um

entreve condicionante, pois havia abundância de terra em relação ao número de povoadores (Fernandes, 1985). Ao desenvolver dos tempos, foram aparecendo pequenas aglomerações de casas, construídas junto às estradas que lá existiam (Fernandes, 1985).

Nos dias de hoje podemos evidenciar que o povoamento foi feito com uma tendência de dispersão, pois ao olharmos do ponto mais alto da ilha, vemos que os campos agrícolas distribuem-se formando um manto de retalhos e as casas rurais encontram-se espalhadas como se fossem “sementes lançadas ao acaso” (Fernandes, 1985). Houve a necessidade de criar um ordenamento urbano com a edificação do complexo militar que envolve as pistas, quartéis, entre outras instalações, criando uma espécie de habitat diferente da realidade em que se vivia, que englobava o aeroporto, as instalações militares e uma aldeia mista, ou seja militar e civil, localizada em Santa Rita, Praia da Vitória (Fernandes, 1985).

2.5. Produções da Ilha

Como foi dito anteriormente, a agricultura foi o principal sustento do arquipélago desde o início da ocupação humana, contribuindo para a paisagem rural de todas as ilhas (Fernandes, 1985).

Ao longo da história o arquipélago dos Açores comportou-se de maneira não homogénea, pois cada ilha evoluiu isoladamente à sua maneira, cada uma com as suas potencialidades económicas, a ilha Terceira pode ser considerada como o quadro económico da Região (Fernandes, 1985).

Uma das vocações descoberta pelo homem ao longo do povoamento foi a criação de gado como importante complemento da atividade agrícola (Fernandes, 1985). A ilha Terceira possui um grande domínio da sua área dedicado às pastagens sobre a área de cultura agrícola (Fernandes, 1985).

As principais produções na ilha sempre foram o vinho, pão, milho, produtos hortícolas e espécies forrageiras (Fernandes, 1985). A vinha é uma produção que tem vindo a ser feita desde os primeiros tempos de ocupação e tornou-se numa das produções mais apreciadas do século XIX (Fernandes, 1985). Com o aparecimento de algumas pragas como a filoxera e o oídio, fizeram estragos nos vinhedos, obrigando à introdução de castas de uva americana, que originavam o tão conhecido “vinho de cheiro” (Fernandes, 1985). No entanto, também é produzido um vinho muito famoso, produzido através de castas de uva europeia, denominado “vinho verde” (Fernandes, 1985).

Os locais escolhidos para a produção de vinhas foram as freguesias dos Biscoitos, Porto Martins e São Mateus da Calheta, nas terras baixas junto à costa. Os muros onde são plantadas as vinhas, têm cerca de 1,5 metros de altura, protegendo as plantações da ação direta do vento e da água salgada (Fernandes, 1985).

A Ilha Terceira, para além da agricultura e da produção agrícola que alberga, tem uma comunidade piscatória de grande importância. Para além dos portos de pesca existentes na cidade de Angra do Heroísmo e na Praia da Vitória, existem também os portos de pesca da freguesia de São Mateus, Porto Judeu e Porto Martins, sendo o São Mateus e o do Porto Martins aqueles com mais importância na vida do mar (Fernandes, 1985).

Quanto à produção das atividades piscatórias na Região, destaca-se a caça à baleia, a pesca tradicional e a pesca industrial (Fernandes, 1985).

2.6. Cidade de Angra do Heroísmo

Relativamente ao crescimento urbano e as funções urbanas da cidade de Angra do Heroísmo, este teve o seu início à chegada e tomada de posse da capitania de João Vaz Corte Real, que planeou a aproximação e povoamento

do mar em que consistia na implantação adequada dos futuros edifícios num terreno particularmente difícil com declive acentuado (Fernandes, 1985). Com isto surge então um plano ornamental com traçado retilíneo, apoiado com dois eixos perpendiculares (Fernandes, 1985).

O seu crescimento teve uma rápida evolução com um crescimento entre os Portões de São Bento e São Pedro. Contudo havia a preocupação da defesa da cidade e dos seus portos (Fernandes, 1985). Assim surge a muralha que liga o cais de Alfândega à Prainha e os fortes, a maioria localizada no sopé do Monte Brasil (Fernandes, 1985). Por fim, surge o castelo de São Sebastião, tornando a baía de Angra inatacável (Fernandes, 1985). Ao castelo de São Sebastião, juntou-se o castelo de São João Batista, com a função de proteger a baía de Angra e o Fanal (Fernandes, 1985). Todas estas estruturas edificadas fazem parte da arquitetura militar.

O traçado geométrico da cidade de Angra foi bem-sucedido e influenciou os traçados de várias cidades em várias partes do mundo. No seu centro histórico encontra-se a Praça Velha, onde se localiza a Câmara Municipal, que é considerado um edifício de grande prestígio. Nas suas redondezas, encontra-se o jardim público Duque da Terceira e o Palácio dos Capitães Generais.

2.7. Praia da Vitória: Uma Nova Cidade

A Praia foi implantada no litoral leste da ilha, caracterizada pelo seu vasto areal e a sua lagoa de água salobra que. Esta é considerada o primeiro povoado da ilha, tendo sido eleita vila em 1482 e posteriormente elevada a cidade em 1981 (Silva, 2012:17).

O concelho da Praia da Vitória, era caracterizado pelo seu vasto campo de trigo em extensas planícies do Ramo Grande e nas zonas mais planas do concelho de São Sebastião (Silva, 2012:18).

A sua capitania ficou conhecida pelo grande número de moinhos de água, localizados na Ribeira da Silveira, na Aqualva, caracterizada por ser o maior caudal da ilha e na Ribeira dos Moinhos, localizada acima das Quatro Ribeiras, conhecida como a Baía dos Moinhos. Esta também ficou conhecida pelos seus moinhos de vento, pois a sua periferia era de elevadas altitudes (Silva, 2012:19).

3. Recursos Turísticos Terceirenses

Na Europa o turismo é responsável por 8% da renda nacional, tendo atingido em 2017, 600 milhões de visitantes. Este é um setor que gere mundialmente de 10% dos empregos (Duque, 2018).

A expansão do turismo deu-se na Revolução Industrial e está relacionada o aumento dos tempos livres, o progresso e desenvolvimento dos meios de transporte, e a melhoria do nível de vida principalmente nos países mais desenvolvidos. Com isto, a partir do início do século XX o turismo é considerado como uma atividade muito importante para a economia (Daniel, 2010).

Em Portugal, o turismo é uma atividade económica muito importante representando 10% do emprego e tem um papel preponderante no investimento e desenvolvimento de outras atividades. Quando o fenómeno turístico apresenta um crescimento intenso a nível mundial que no início da década de 60, é que em Portugal se começa a criar um ambiente de interesse por este sector (Daniel, 2010).

O setor turístico nos Açores tem vindo a apresentar um crescimento significativo. Segundo a secretária regional da Energia, Ambiente e Turismo, com a liberalização do espaço aéreo açoriano, os indicadores duplicaram num período de cerca de quatro anos (*Açores querem...*2019)

Recentemente os Açores ganharam destaque por ser a primeira região do país e único arquipélago do mundo a ser certificado como destino turístico sustentável pelo Global Sustainable Tourism Council (GSTC) e a previsão de número de turistas é de que continue a aumentar (Paiva, 2019).

Alguns dos fatores de atratividade para estas ilhas, como por exemplo a Ilha Terceira, são as características físicas do território, singularidade do destino, segurança, tranquilidade, localização, qualidade ambiental, gastronomia, património histórico e cultural e qualidade global do destino. É

importante que haja um conhecimento da diversidade dos recursos turísticos existentes.

O conceito de recurso turístico baseia-se em “todo o elemento natural, toda atividade humana ou resultado do mesmo que pode gerar um deslocamento por razões, essencialmente, de lazer.” (Catillo, 2012). Estes estão divididos entre recursos naturais e recursos culturais. Os recursos naturais são entendidos como condições ou atributos que diferenciam, diversificam e compõem o espaço geográfico, quantitativa e qualitativamente (Castillo, 2012). Este exercem um grande papel tanto no turismo, como em muitas outras atividades económicas (Castillo, 2012). Quanto aos recursos culturais, estes representam atrações culturais de natureza material e imaterial incluído os equipamentos. Englobam monumentos, sítios, manifestações e tradições populares, entre outros.

4. Recursos Geológicos

4.1. Classificação do valor patrimonial dos complexos vulcânicos

Atualmente, a sociedade está em constante evolução, com especial foco para modos de vida relacionados com a Natureza. Com isto, torna-se necessário fazer uma análise patrimonial das áreas naturais com potencialidades que possam ter interesse e valor de cariz científico, económico, cultural, ecológico e estético de modo a que se possa desenvolver políticas de conservação e proteção do meio (Omar *et al.*, 2019:137).

A questão do património é muito referenciada quando se valoriza os recursos existentes, como os naturais e culturais, paisagens, locais históricos, infraestruturas, entre outros (Omar *et al.*, 2019:137).

Aos geossítios são atribuídos um conjunto de valores científicos, estéticos, culturais, ecológicos e económicos, em que elementos com elevado valor patrimonial, devem ser objeto de proteção legal e promoção cultural, científico-pedagógica e para atividades de lazer, desporto e turismo (Omar *et al.*, 2019:137).

Podemos afirmar que os complexos vulcânicos presentes na ilha Terceira, possuem um carácter de imenso valor patrimonial, pois representam a história da formação da ilha e abrangem uma grande geodiversidade, apresentando interesse científico, cultural e ecológico.

4.2. Monumentos geológicos

O património geológico é a expressão usada para referenciar a geodiversidade, esta que pode ser definida como a variedade de elementos rochosos, minerais, fósseis, falhas, dobras, formas de relevo e sequências sedimentares ou de solo (*Património natural...2017*).

O conceito de geossítio aplica-se aos elementos do património geológico que constituem uma ocorrência de valor científico, podendo também apresentar mais do que um tipo de importância, nomeadamente didática, cultural ou estética (*Património natural...2017*). O termo geossítio é o mais atual e comum, que foi utilizado para substituir as designações de “geomonumento”, “local ou sítio de interesse geológico” ou “geótopo” (*Património natural...2017*). Ao conjunto de geossítios considerados numa determinada área denomina-se “património geológico” desse mesmo território (*Património natural...2017*).

Legenda	Nome do Recurso	Tipo	Localidade
1	Algar do Carvão	Geossítio	Porto Judeu
2	Biscoitos – Matias Simão	Geossítio	Biscoitos
3	Caldeira de Santa Bárbara e Mistérios Negros	Geossítio	Santa Bárbara
4	Furnas do Enxofre	Geossítio	Posto Santo
5	Monte Brasil	Geossítio	Sé
6	Pico Alto, Pico Rachado e Biscoito da Ferraria	Geossítio	Aigualva
7	Ponta da Serreta e escoadas traquíticas	Geossítio	Serreta
8	Fajã da Alagoa – Biscoitos das Calmeiras	Geossítio	Aigualva
9	Graben das Lajes	Geossítio	Lajes
10	Mistério 1761 e sistema cavernícola da Malha Grande - Balcões	Geossítio	Biscoitos
11	Serra do Cume	Geossítio	Santa Cruz
13	Caldeira Guilherme Moniz	Geossítio	Posto Santo

Geoparque...2020.

4.3. Cavernas vulcânicas e Patrimônio Espeleológico

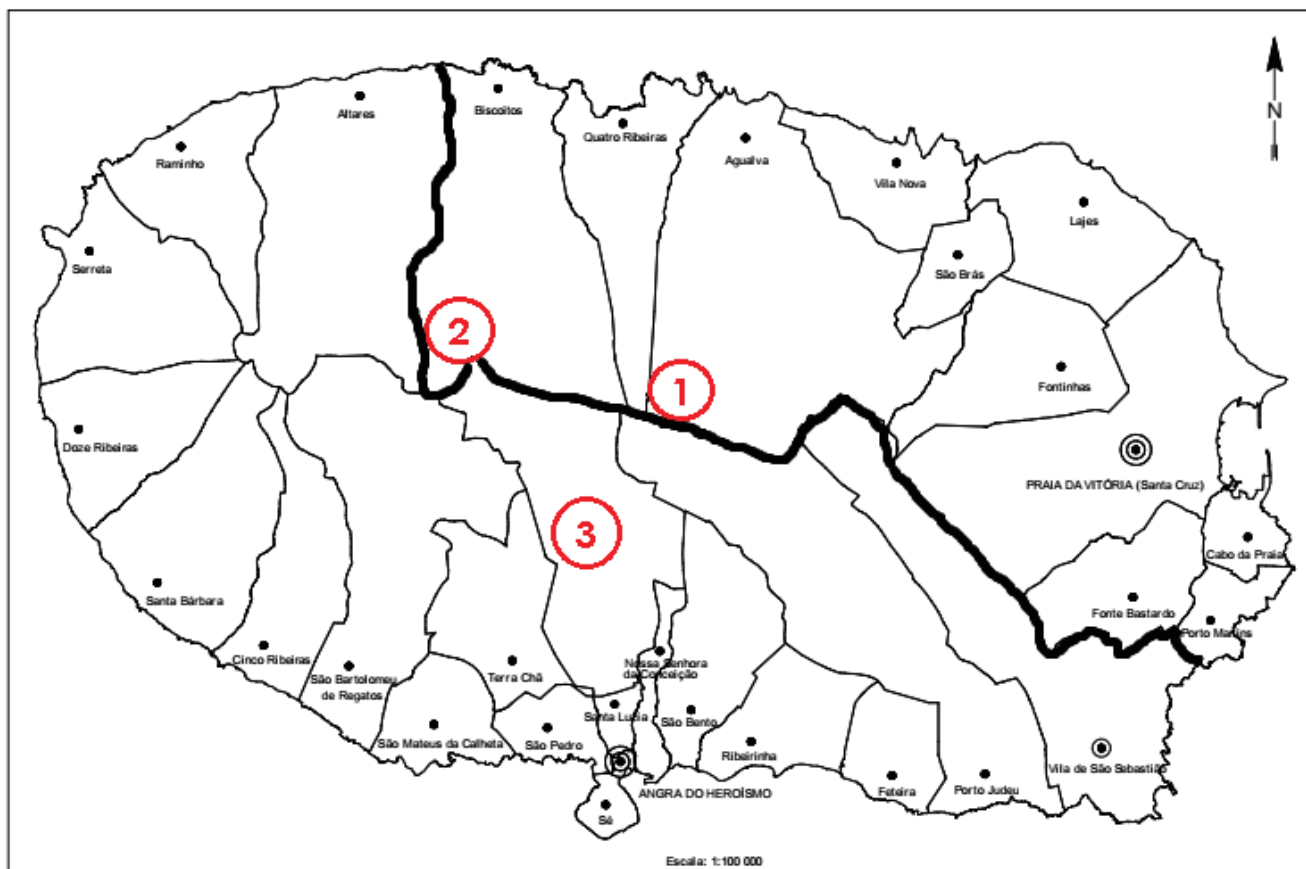
As cavernas vulcânicas da Ilha Terceira constituem um patrimônio natural de inegável valor. Além do seu valor geológico, não podemos deixar de referir o seu valor hidrológico e biológico (Borges *et al.*, 1994).

O estado de conservação das grutas e algares desta ilha merecem alguma preocupação, pois em alguns casos é possível evidenciar uma poluição orgânica assinalável, consequências das visitas turísticas de caráter mais ou menos selvagem (Borges *et al.*, 1994).

Destacam-se o Algar do Carvão, a Gruta do Natal e a Furna d'Água.

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Cavidades vulcânicas e Património Espeleológico



Mapa 2- Localização das Cavidades Vulcânicas

Legenda	Nome do Recurso	Tipo	Localização
1	Algar do Carvão	Gruta	Agualva
2	Gruta do Natal	Gruta	Biscoitos
3	Furna d'Água	Furna	Posto Santo

Geoparque...2020.

4.4. Museu Vulcanoespeleológico dos Montanheiros

As primeiras expedições espeleológicas dos Montanheiros, possibilitaram a recolha das primeiras amostras das singulares estruturas e formações naturais das cavidades vulcânicas que as nossas ilhas apresentam (Barcelos, 2011:1). Estas amostras eram alvo de interesse científico e suscitavam a curiosidade das pessoas, tornando-se num conjunto digno de ser exposto (Barcelos, 2011:1).

Nos finais dos anos 60, já estava composta uma coleção dinâmica, que conseguia atrair a visita de muitos interessados, criando assim, na década de 70, um espaço expositivo (Barcelos, 2011:1). Na década de 80, foi construído um espaço para sala-museu na primeira sede da associação, a que foi atribuído o nome de “Museu Vulcanoespeleológico Machado Fagundes”, em memória de um sócio dos Montanheiros (Barcelos, 2011:1).

Ao longo do tempo a associação veio a enriquecer a sua sala-museu com diversas formações, características das grutas e algares dispersos pelo arquipélago, permitindo a construção de um rico e diversificado conjunto de bens de amostras que permite ao visitante um melhor conhecimento da geologia das ilhas dos Açores (Barcelos, 2011:1).

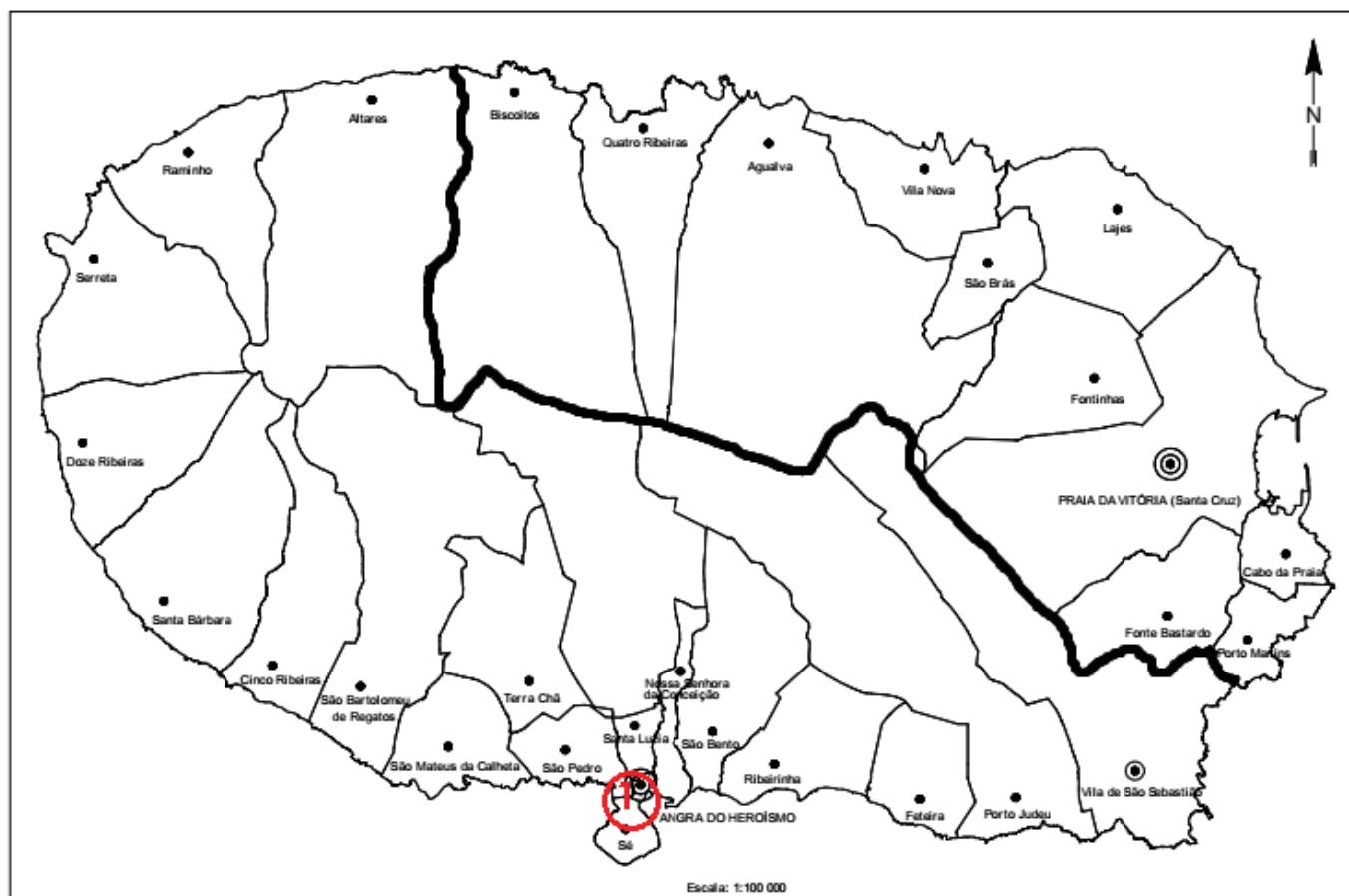
Durante os anos 90, houve a possibilidade de dar início às últimas obras de ampliação da sala-museu, transformando-o no atual museu, onde estão representados materiais e estruturas diversas resultantes do vulcanismo das ilhas (Barcelos, 2011:1).

No museu é possível encontrar uma representação 3D em maqueta de 6 ilhas dos Açores, uma xiloteca, uma coleção sobre barros da Terceira, fósseis, um extenso conjunto de fotografias sobre paisagens das ilhas, a representação de áreas protegidas nos Açores, entre outras curiosidades (Barcelos, 2011:1). Atualmente é um espaço de ação educativa para os

alunos que o frequentam, e que ao mesmo tempo fornece conhecimento a todos os visitantes (Barcelos, 2011:1).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Recursos Geológicos: Museu Vulcanoespelológico dos Montanheiros



Mapa 3 - Localização do Museu Vulcanoespelológico dos Montanheiros

Legenda	Nome do Recurso	Tipo	Localização
1	Museu Vulcanoespelológico dos Montanheiros	Museu	Sé

4.5. Geoparque Açores

O Geoparque é uma área que possui um notável Património Geológico, este que está associado a uma estratégia de desenvolvimento sustentável (*Geoparque Açores, 2020*). Integra um número significativo de locais de interesse geológico que apresentam valor científico, educativo, cultural, económico, cénico ou estético, devido à sua peculiaridade e raridade, podendo ser considerados como geossítios (*Geoparque Açores, 2020*). Podem também possuir outro tipo de interesse e valor, como por exemplo, ecológicos, históricos e culturais (*Geoparque Açores, 2020*).

O arquipélago dos Açores apresenta uma vasta geodiversidade e um importante património geológico, que abrange locais de interesse científico, pedagógico e turístico.

Perante a importância do arquipélago, a nível geológico, o Geoparque Açores assenta numa rede de geossítios, dispersos pelas nove ilhas e zona marinha envolvente, representando a geodiversidade que caracteriza o território açoriano, apresentando de forma sucintas e claras a história geológica e eruptiva, pondo em prática variadas estratégias de conservação e promoção (*Geoparque Açores, 2020*). Os geossítios identificados nos Açores representam elementos da sua geodiversidade de grande valor e com potencial para diversos tipos de uso, como vulcões, caldeiras, lagoas, campos lávicos, fumarolas, águas termais, grutas e algares vulcânicos, fajãs, escarpas de falha e depósitos fossilíferos marinhos, entre outros (*Geoparque Açores, 2020*).

5. Morfologia e Recursos Paisagísticos

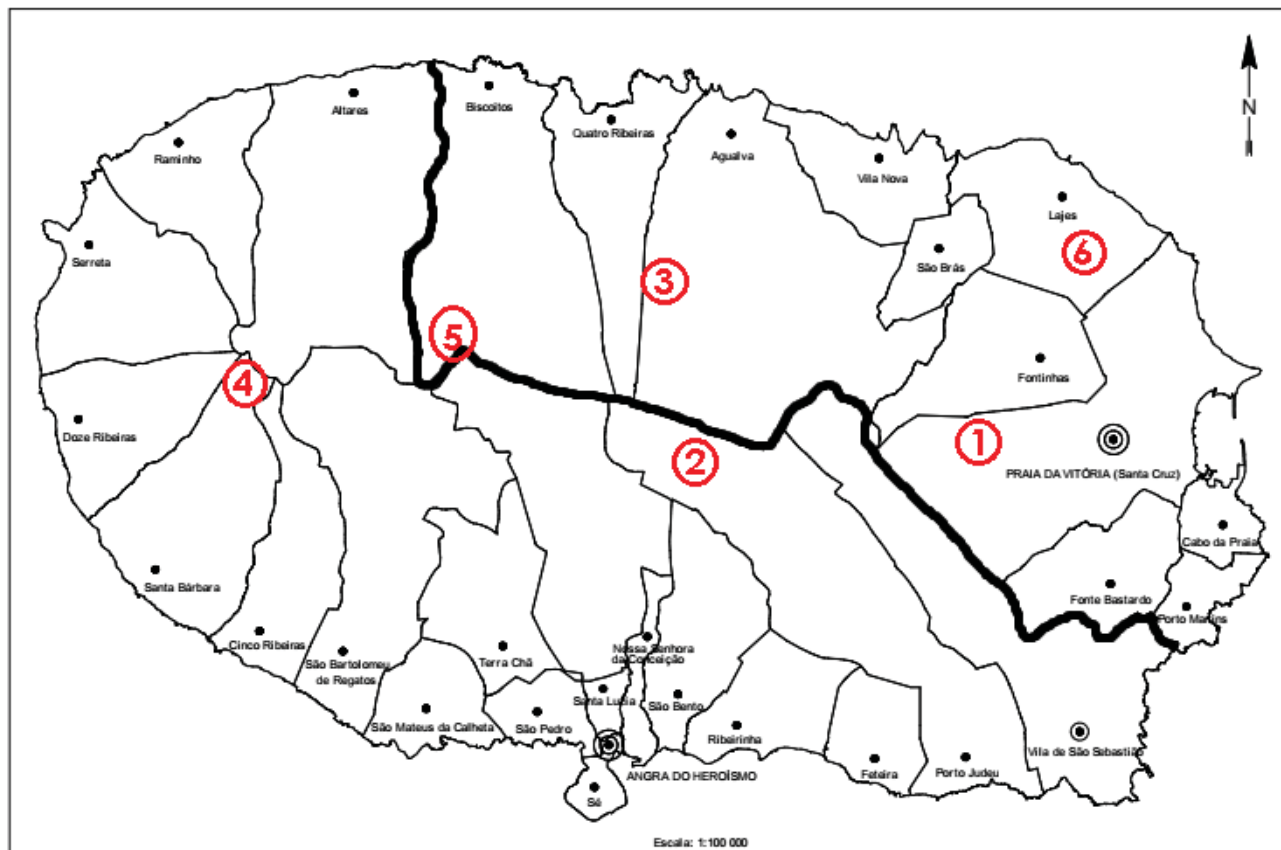
A ilha Terceira com 382 km², foi a terceira ilha a ser descoberta, antes de 1450, sendo a terceira maior ilha do arquipélago, em seguimento de São Miguel e Pico. A ilha tem cerca de 29 km comprimento e 17,5 km de largura, tendo como ponto de maior altitude a Serra de Santa Bárbara (Abreu *et al.*, 2005:125)

Esta é constituída por duas partes distintas, a ocidental, caracterizada por ser mais montanhosa e alta, ocupando metade da ilha, e a oriental, sendo mais baixa e plana. Quanto à parte ocidental é conhecida pelo seu ponto mais alto, a Serra de Santa Bárbara, o Pico Alto e a Serra do Morião. No caso da parte oriental, é caracterizada, principalmente, pela Achada, local completo por extensas pastagens amplas e regulares, e pelo Ramo Grande, caracterizado por ser uma planície muito extensa, com declives suaves nas zonas baixas e acentuados nas maiores altitudes até à Serra do Cume (Abreu *et al.*, 2005:125).

Relativamente à geologia da ilha, esta é composta por dois grandes vulcões centrais com caldeiras, conhecidos como o Pico Alto e Santa Bárbara. Ambos estão conectados por uma zona fissural, composta por vários cones de escórias. É uma zona imitiu vários materiais que cobriram toda a parte sudoeste da ilha, onde se encontram os vulcões Guilherme Moniz e Cinco Picos, sendo este o mais antigo da ilha (Abreu *et al.*, 2005:125).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Recursos Paisagísticos



Mapa 4 – Localização Recursos Morfológicos

Legenda	Nome do Recurso	Tipo
1	Vulcão dos Cinco Picos	Vulcão
2	Vulcão Guilherme Moniz	Vulcão
3	Vulcão do Pico Alto	Vulcão
4	Vulcão de Santa Bárbara	Vulcão
5	Zona Fissural	Zona Fissural
6	Graben das Lajes	Graben

Geomorfologia...2020

5.1. Miradouros

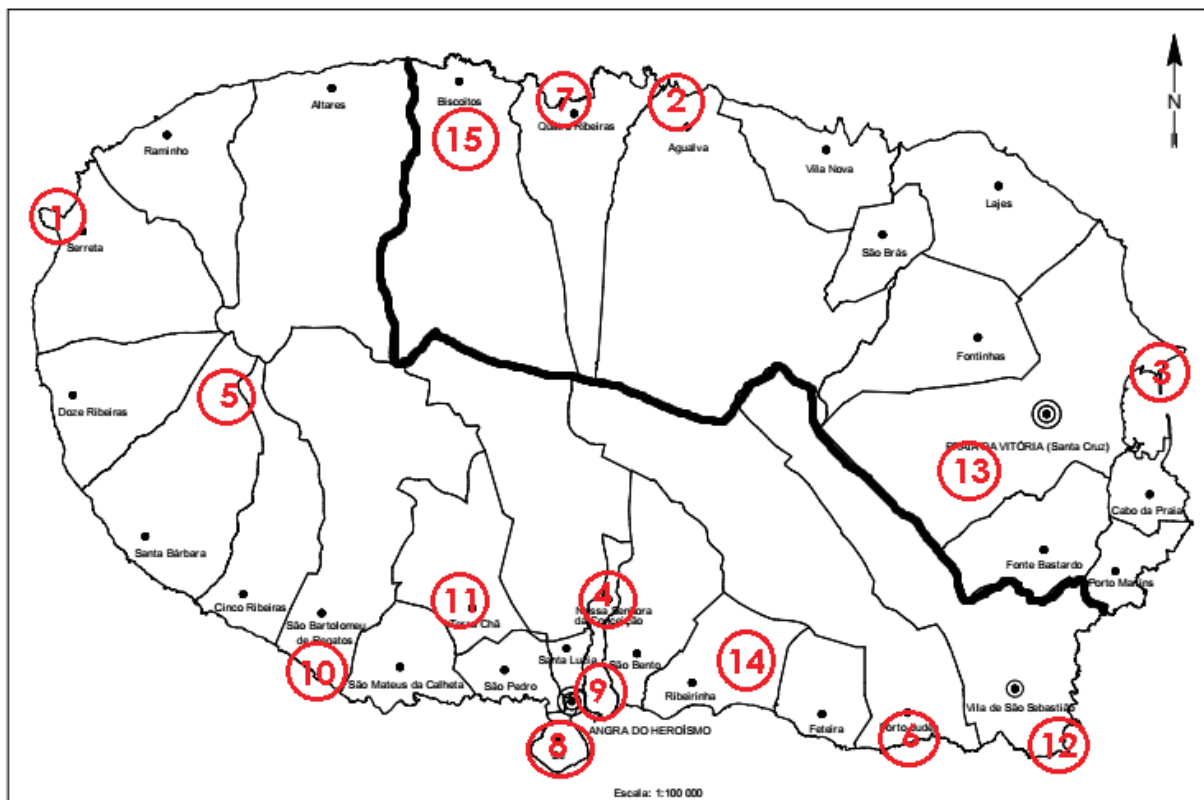
Os principais fatores de atratividade dignos de um destino turístico englobam a beleza, a estética e a autenticidade (Azevedo, 2019:19-34). As atrações turísticas de carácter natural ou de intervenção humana, são elementos fundamentais da oferta turística de uma região (Azevedo, 2019:19-34). A paisagem constitui um condicionamento para a atratividade de um destino, pois representa um elemento inevitavelmente de uma viagem (Azevedo, 2019:19-34).

A grande motivação por parte dos visitantes é conhecer outras paisagens diferentes e outras fisionomias (Azevedo, 2019:19-34). As deslocações feitas pelos turistas para outros lugares do mundo são motivadas pela curiosidade (Azevedo, 2019:19-34). A paisagem é um elemento crucial no espaço e por essa razão, a paisagem é objeto de estudo na área do turismo, pois desempenha, não só, o papel de recurso turístico, como também a sua manipulação, evolução e gestão são aspetos relevantes para a investigação atual do tema em questão (Azevedo, 2019:19-34).

Os miradouros são utilizados como um recurso para a visualização e contemplação de uma paisagem, como por exemplo, locais de carácter arqueológico, cultural e patrimonial. A sua localização pode variar consoante o tipo de paisagem e as condições geográficas onde se inserem (Azevedo, 2019:19-34). Estas estruturas estão, por norma, situadas em locais de elevada altitude, permitindo a visualização de um vasto panorama sobre a paisagem (Azevedo, 2019:19-34). No entanto, existem miradouros em locais de baixa altitude, especialmente em locais cuja geografia se caracteriza por vales ou grandes depressões (Azevedo, 2019:19-34).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Recursos Paisagísticos: Miradouros



Mapa 5 – Localização dos Miradouros

Legenda	Nome do Recurso	Tipo	Localização
1	Ponta da Serreta	Miradouro	Serreta
2	Alagoa da Fajãzinha	Miradouro	Aqualva
3	Serra do Facho	Miradouro	Santa Cruz
4	Outeiro da Memória	Miradouro	Conceição
5	Serra de Santa Bárbara	Miradouro	Santa Bárbara
6	Maria Augusta Castro; Cruz do Canário	Miradouro	Porto Judeu
7	Moinhos; Canada dos Sosas	Miradouro	Quatro Ribeiras
8	Pico do Facho; Pico das Cruzinha; Caminho Florestal do Monte Brasil	Miradouro	Sé
9	Adro Santo	Miradouro	Conceição
10	São Bartolomeu dos Regatos	Miradouro	São Bartolomeu
11	Veredas	Miradouro	Terra-Chã
12	Ponta das Contendas	Miradouro	São Sebastião
13	Serra do Cume	Miradouro	Santa Cruz
14	Serra da Ribeirinha	Miradouro	Ribeirinha
15	Vinhas dos Biscoitos	Miradouro	Biscoitos

Miradouros....2020

6. Vegetação terrestre

6.1. Florestas naturais

Na ilha Terceira, as florestas que ocupam áreas consideráveis, são as florestas de montanha ou florestas de nuvens, entre os 500 e 1000 metros de altitude (Elias, 2013:2,3). Mais acima encontramos geralmente florestas de Ilex ou de *Juniperus-Ilex*, que se encontram a partir dos 800-1000 metros, na Caldeira da Serra de Santa Bárbara (Elias, 2013:2,3). Estas são dominadas por espécies resistentes ao elevado encharcamento e exposição ao vento (Elias, 2013:2,3).

A espécie *Juniperus brevifolia* assume um papel preponderante nas comunidades florestais, sendo mesmo a única espécie arbórea na maioria das turfeiras florestadas existentes na Serra de Santa e Morro Alto (Elias, 2013:2,3). Podemos evidenciar que a sua floresta abrange uma área de grandes dimensões, principalmente, no norte e interior, onde se localizam as áreas de Reserva Natural, como é o caso da Serra de Santa Bárbara, Pico Alto e Morro Alto.

As florestas de montanha assumem uma enorme importância, pois desempenham um papel fundamental na interceção de nevoeiros e recarga de aquíferos, tornando-se fundamental para o equilíbrio do ciclo hidrológico (Elias, 2013:2,3).

6.2. Floresta plantada de produção e de proteção

A ocupação humana no arquipélago dos Açores, no século XV, levou à alteração de comunidades de plantas nativas, devido às várias atividades que foram aparecendo, como por exemplo, a substituição do coberto vegetal original por culturas de cereais, pastagens e florestas e a introdução de

inúmeras culturas, florestas, ornamentais e espécies de plantas para a construção de sebes (Silveira, 2011).

6.3. Espécies endémicas, invasoras e exóticas

A Floresta Laurissilva, vegetação que remonta à Era Terciária, desapareceu em quase todo o continente europeu devido às glaciações. Esta encontra-se em manchas isoladas em todas as ilhas do arquipélago, em locais como o Planalto Central do Pico, a Serra de Santa Bárbara na ilha Terceira e no nordeste de São Miguel (*Geoparque Açores*, 2020).

Das espécies florestais endémicas fazem parte o louro, o queiró, a urze, o cedro, pau-branco e a vidália. As ilhas possuem não só plantas endémicas, como também introduzidas, que é o caso das hortênsias, as camélias ou as azáleas. Outras espécies introduzidas, são a acácia e a criptoméria, que ganharam grande importância comercial de relevo (*Geoparque Açores*, 2020).

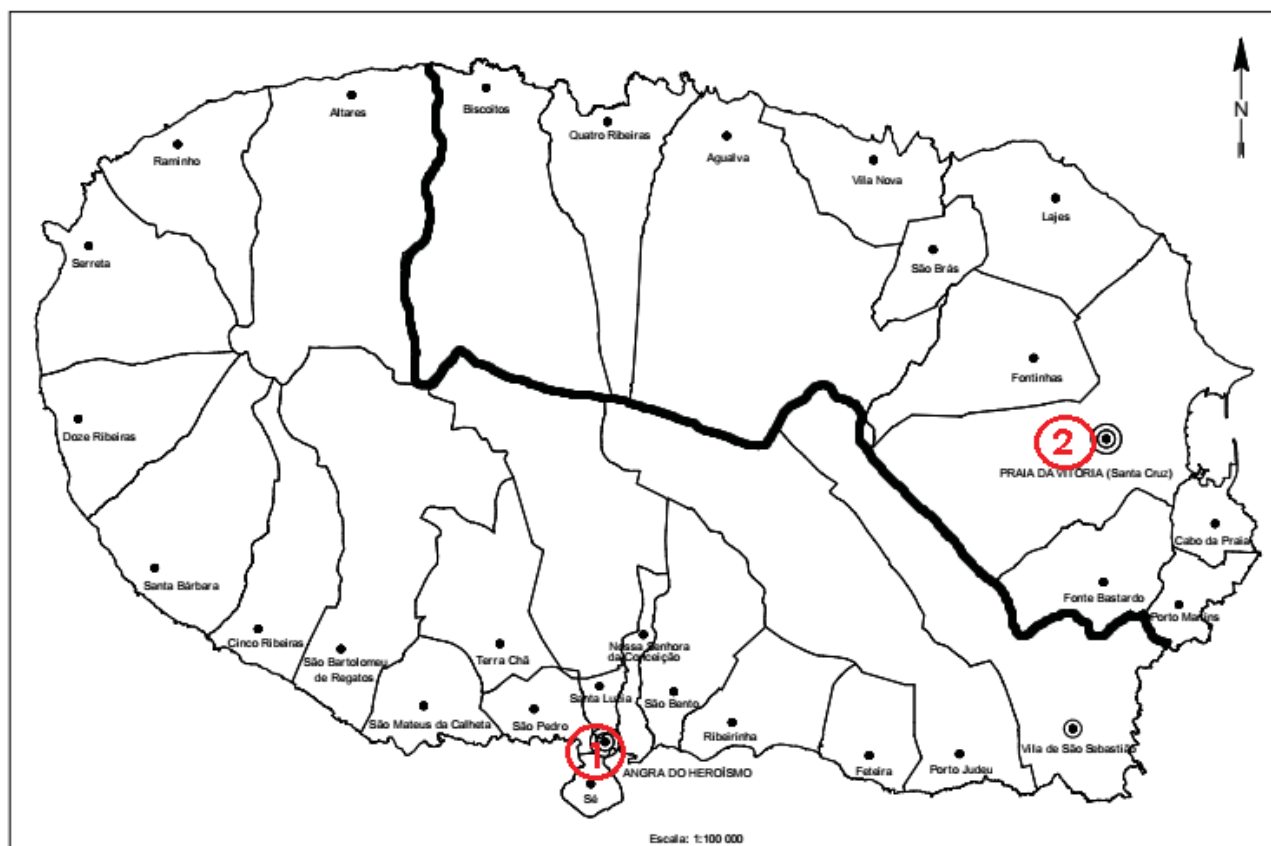
6.4. Jardins

O jardim Duque da Terceira situa-se no centro de Angra do Heroísmo. Este foi criado em 1882 por iniciativa do Governo Civil Afonso de Castro, ocupando uma área de aproximadamente 17.500 m² (*Gardens...* 2020). Encontra-se plantado nas antigas cercas dos Conventos Franciscano e Jesuíta e contém ainda testemunhos da antiga cerca, como é o caso do “tanque do preto” e o conjunto de 4 painéis de azulejos representativos da parábola do “Filho Pródigo”, de fabrico lisboeta c. 1740 (*Gardens...* 2020). A sua construção, primeiramente, teve o intuito de passeio público, dando origem a um jardim de aclimatização devido às características edafo-climáticas dos Açores, estas que proporcionam excelentes condições para o desenvolvimento de diversas plantas (*Gardens...* 2020).

O Jardim Municipal da Praia da Vitória localiza-se no centro da cidade da Praia da Vitória, na ilha Terceira e alberga uma estátua de José Silvestre Ribeiro, construída em 1879 pela população da cidade da Praia, em memória e agradecimento a este conselheiro que reedificou Praia depois do terramoto de 15 de junho de 1841, conhecido com a “Caída da Praia” (*Jardim...* 2016).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Vegetação Terrestre: Jardins



Legenda	Nome do Recurso	Tipo	Localização
1	Jardim Duque da Terceira	Jardim	Sé
2	Jardim Municipal da Praia	Jardim	Santa Cruz

6.5. Vegetação terrestre: Matas e Reservas Florestais

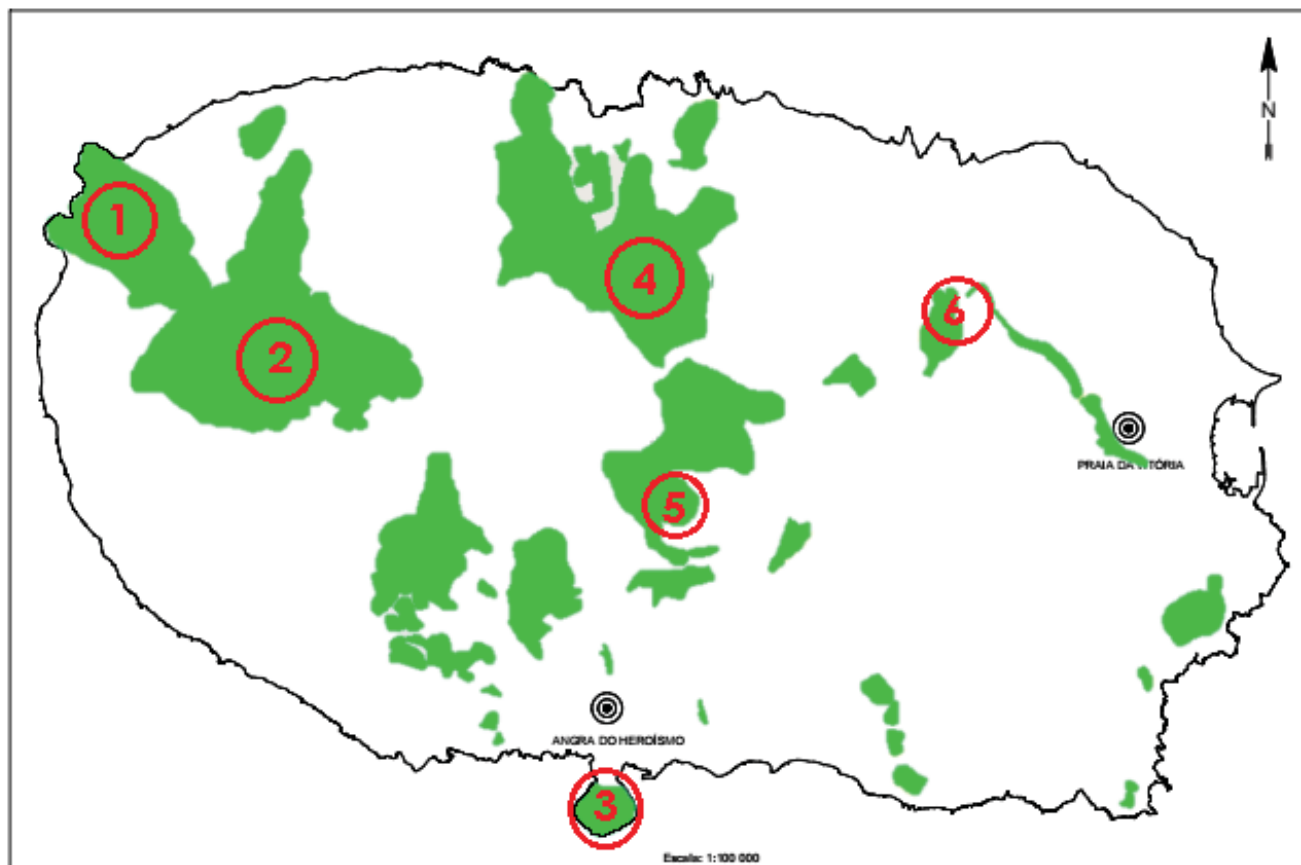
A ilha Terceira é constituída por um parque natural, que constitui a unidade de gestão das Áreas Protegidas da ilha Terceira, inserindo-se no âmbito da Rede Regional de Áreas Protegidas dos Açores. Este abrange uma área total de 95,78 km², constituído por 20 áreas terrestres e marinhas, com 88,35 km² e 7,43 km², respetivamente (*Parque Natural...2011*).

Cerca de 22% da sua área terrestre da ilha, está integrada no parque natural, que possui condições favoráveis a uma gestão coerente e integrada, com vários objetivos de gestão e conservação da natureza, da paisagem e dos recursos naturais (*Parque Natural ... 2011*).

O Parque Natural da ilha Terceira, institui 20 áreas protegidas, dentro destas estão incluídas a Reserva Natural da Serra de Santa Bárbara e dos Mistérios Negros, Reserva Natural do Biscoito da Ferraria e Pico Alto, Reserva Natural da Terra Brava e Criação das Lagoas, Reserva Florestal do Monte Brasil, Viveiro Florestal de Espécies Autóctones e Mata da Serreta (*Parque Natural ... 2011*).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Vegetação Terrestre: Matas e Reservas Florestais



Mapa 7 – Localização das Matas e Reservas Florestais

Legenda	Nome do Recurso	Tipo
1	Mata da Serreta	Mata
2	Reserva Florestal Parcial da Serra de St ^a Bárbara e dos Mistérios Negros	Reserva Florestal
3	Reserva Florestal de Recreio do Monte Brasil	Reserva Florestal
4	Reserva Florestal Natural Parcial do Biscoito da Ferraria	Reserva Florestal
5	Reserva Natural da Terra Brava e Criação das Lagoas	Reserva Florestal
6	Viveiro Florestal de Espécies Autóctones	Viveiro Florestal

Parque Natural...2011

6.6. Centro de Divulgação Florestal da ilha Terceira

O Viveiro Florestal de Espécies Autóctones, foi criado pela Secretaria da Agricultura e Florestas, sendo um espaço multifuncional, onde se concilia a produção de plantas endémicas, com ações permanentes de divulgação e sensibilização da comunidade local sobre a conservação dos recursos genéticos naturais (*Centros Ambientais...* 2012).

Este foi construído com o intuito de conservar as espécies florestais endémicas cujas desempenham um papel fundamental no restauro de áreas degradadas (*Centros Ambientais...* 2012).

Os Viveiros Florestais dão a conhecer as várias espécies florestais naturais, a sua importância ambiental, económica e social (*Centros Ambientais...* 2012). A sua organização espacial e funcional está adaptada para proporcionar visitas guiadas aos vários espaços do viveiro e ainda participar nos trabalhos de produção de plantas (*Centros Ambientais...* 2012).

7. Aves e mamíferos terrestres

Nas ilhas oceânicas possuem fauna e flora grande relevância. No entanto, a ação humana danificou a biodiversidade das ilhas extinguindo muitas espécies e colocando muitas outras em perigo (Dionísio, 2007:2-5).

As alterações causadas na diversidade dos ecossistemas nativos das ilhas têm vindo a interferir com muitos processos ecológicos vitais, existindo grande preocupação na conservação dos ecossistemas insulares, para que estes não se tornem irreversíveis devido às alterações provocadas (Dionísio, 2007:2-5).

As espécies insulares são únicas e de grande importância em termos de conservação. No caso das espécies endémicas, estas são especialmente

vulneráveis e ocupam pequenos fragmentos de habitats nativos, correndo o risco da pressão imposta pelas espécies invasoras (Dionísio, 2007:2-5).

O Arquipélago dos Açores é um local de grande importância para as aves marinhas, no entanto não apresenta uma grande diversidade de espécies nidificantes (Dionísio, 2007:2-5). As colónias de aves que lá existem apresentam uma percentagem populacional elevada e de extrema importância a nível europeu. Cerca de 20 espécies de aves reproduzem-se e nidificam regularmente nos Açores (Dionísio, 2007:2-5).

Quanto aos mamíferos, estes apresentam-se também em grande quantidade, apresentando uma grande variedade de espécies. No entanto, a maioria dos mamíferos terrestres foram introduzidos pelo Homem, como é o caso do coelho (*Oryctolagus cuniculus*), o furão (*Mustela furo*), a comadrinha (*Mustela nivalis*), o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*), o aato (*Mus musculus*), entre outros (Governo dos Açores, 2020).

Nos Açores só existe um mamífero endémico, o morcego-dos-Açores (*Nyctalus azoreum*), que é considerado como um dos morcegos mais diurnos do mundo (*Fauna...* 2020).

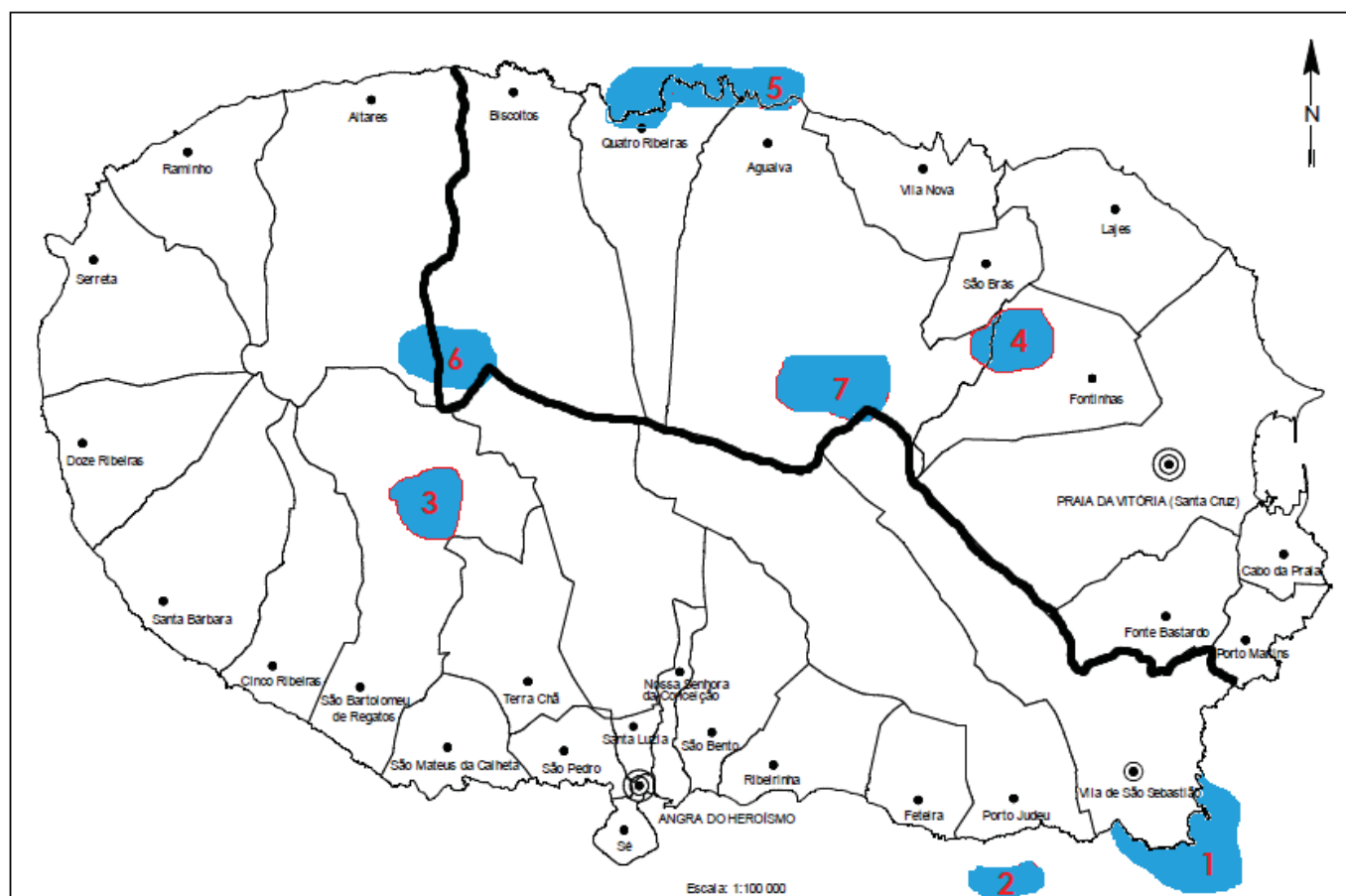
Para a conservação das espécies de aves existentes no arquipélago é feito o Censo de Milhafres, este que é uma iniciativa de *Citizen Science*-Cidadania na Ciência, coordenada anualmente pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA) desde de 2006. Esta iniciativa do censo tem o objetivo de ganhar voz ao propor a participação da população (*Censo...* 2018).

É também realizada o S.O.S cagarro para sensibilizar as pessoas para a preservação da espécie em questão que nidifica no Açores. Esta iniciativa começou em 1995, desenvolvida pelo Governo Regional dos (Campanha... 2019).

A Campanha decorre entre 15 de outubro e 15 de novembro, período que coincide com a saída dos cagarros juvenis dos ninhos para o primeiro voo transoceânico (*Campanha...* 2019).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Aves e Mamíferos: Áreas protegidas para a gestão de habitats ou espécies



Mapa 8 – Localização das Áreas protegidas para a gestão de habitats ou espécies

Legenda	Nome do Recurso
1	Área Protegidas para a Gestão de Habitats ou Espécies da Ponta das Contendas
2	Área Protegidas para a Gestão de Habitats ou Espécies do Ilhéu das Cabras
3	Área Protegidas para a Gestão de Habitats ou Espécies da Matela
4	Área Protegidas para a Gestão de Habitats ou Espécies do Biscoito das Fontinhas
5	Área Protegidas para a Gestão de Habitats ou Espécies da Costa das Quatro Ribeiras
6	Área Protegidas para a Gestão de Habitats ou Espécies do Planalto Central e Costa Noroeste
7	Área Protegidas para a Gestão de Habitats ou Espécies do Pico do Boi

Parque Natural...2011.

8. Mar da ilha Terceira

O arquipélago dos Açores localiza-se no Oceano Atlântico. A sua posição estratégica permite a ligação entre o velho continente e os novos mundos, desde o seu (Carreira e Porteiro, 2015:80-85). Com isto, o mar teve uma marca importante na cultura dos açorianos, pois é considerado o elemento fundamental no seu quotidiano (Carreira e Porteiro, 2015:80-85).

No entanto, o mar levou ao isolamento das ilhas, permitindo, ainda hoje encontrar descendentes de açorianos por todo o mundo (Carreira e Porteiro, 2015:80-85). Para a sua sobrevivência, o povo açoriano, construiu tripulações de barcas baleeiras norte americanas para irem em busca de cachalotes (Carreira e Porteiro, 2015:80-85).

As colonizações das ilhas dependeram do conhecimento que havia das águas costeiras e da morfologia do litoral, aprendendo ao longo do tempo os efeitos que tempestades marítimas causavam, acabando por se adaptarem (Carreira e Porteiro, 2015:80-85). Este conhecimento foi importante, pois a maioria dos povos viviam junto ao mar (Carreira e Porteiro, 2015:80-85).

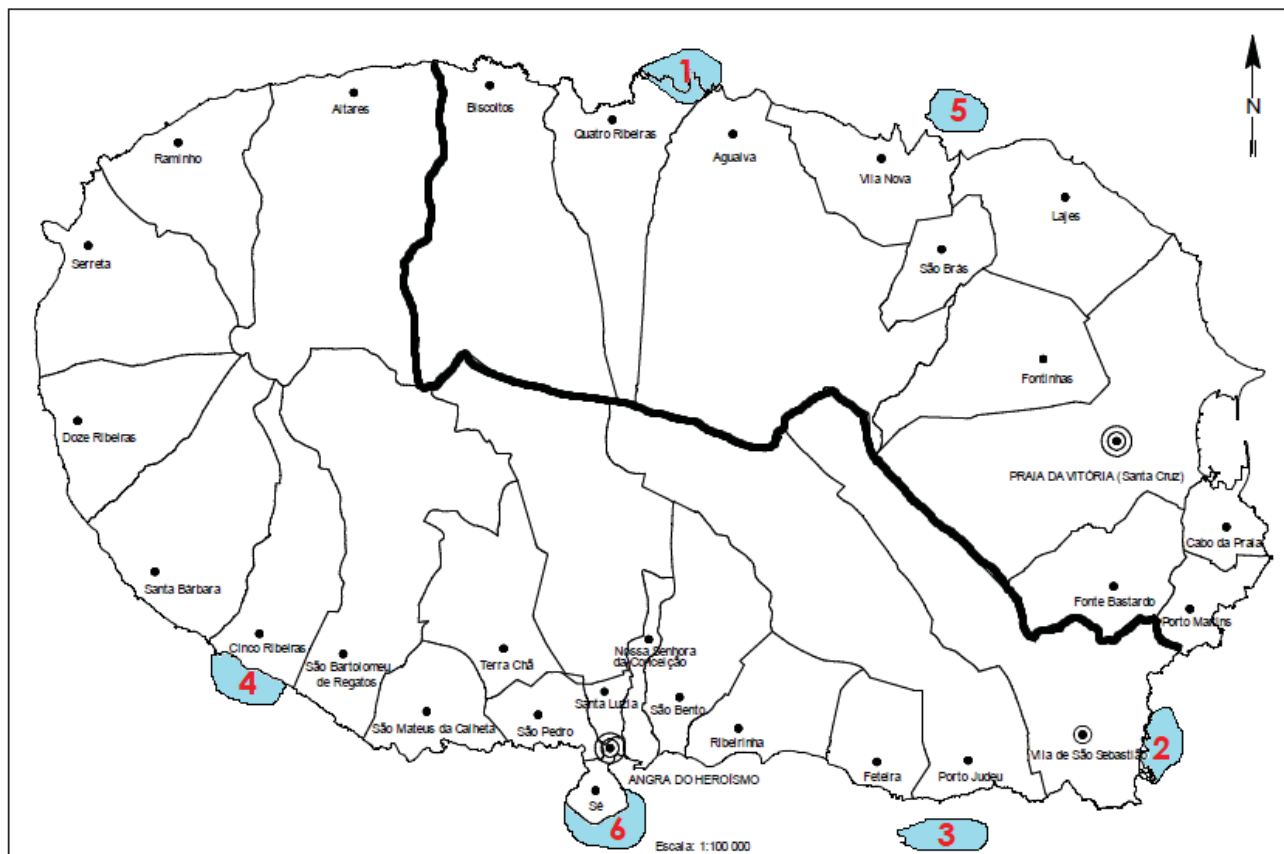
As suas águas são temperadas a norte e subtropicais a sul, sendo dominado pelas correntes vindas do Golfo, estas que se deslocam a latitudes entre os 34º e 36º Norte, a 30 a 40 cm/s, no sentido Oeste-Este, com direção ao Mediterrâneo (Carreira e Porteiro, 2015:80-85). Relativamente à sua produtividade, o mar dos Açores é essencialmente subtropical, apresentando uma produtividade primária baixa devido à pouca concentração de nutrientes (Carreira e Porteiro, 2015:80-85).

A grande biodiversidade que os Açores albergam é consequência da sua localização, geomorfologia acidentada, geologia vulcânica, regime oceanográfico, da sua composição da fauna e flora e dimensão dos habitats (Carreira e Porteiro, 2015:80-85). “Podemos dizer que a biodiversidade dos

Açores é caracterizada por um mosaico complexo e diverso de habitats costeiros e oceânicos” (Carreira e Porteiro, 2015:80-85).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Mar da ilha Terceira: Áreas marinhas protegidas



Mapa 9 – Localização de Áreas Marinhas Protegidas

Legenda	Nome do Recurso
1	Área Marinha Protegida de Gestão de Recursos das Quatro Ribeiras
2	Área Marinha Protegida de Gestão de Recursos da Costa das Contendas
3	Área Marinha Protegida de Gestão de Recursos dos Ilhéus das Cabras
4	Área Marinha Protegida de Gestão de Recursos das Cinco Ribeiras
5	Área Marinha Protegida de Gestão de Recursos da Baixa da Vila Nova
6	Área Marinha Protegida de Gestão de Recursos do Monte Brasil

Parque Natural...2011

9. Marcas de um passado desconhecido

9.1. Paisagens Rupestres

O isolamento da ilha Terceira, no meio do oceano atlântico e consequentemente sem ligações marítimas constituiu um dos problemas para a recusa dos estudos de marcas suscetíveis de pertencerem a períodos anteriores ao século XV (Costa e Jardim, 2020).

Quando falamos de megalitismo, estamos a falar de rochas com formas humanoides e de animais que apresentam características de aperfeiçoamento da sua forma, trabalhadas no local em concreto e de grande desconhecimento (Costa e Jardim, 2020).

Os megálitos com características de aperfeiçoamento, eram de grande porte e foram embelezados de modo a que chegassem às figuras pretendidas. Juntamente com estas figuras “esculpidas” na pedra, encontram-se outros objetos culturais, como pias, cortes e inscrições (Costa e Jardim, 2020).

Estes fenómenos de estruturas aperfeiçoadas em rochas, aparecem em várias partes do mundo, como na Rússia e China. Na ilha Terceira, podem ser encontradas nas duas serras do vulcão dos Cinco Picos (Costa e Jardim, 2020).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Marcas de um passado desconhecido: Paisagens Rupestres

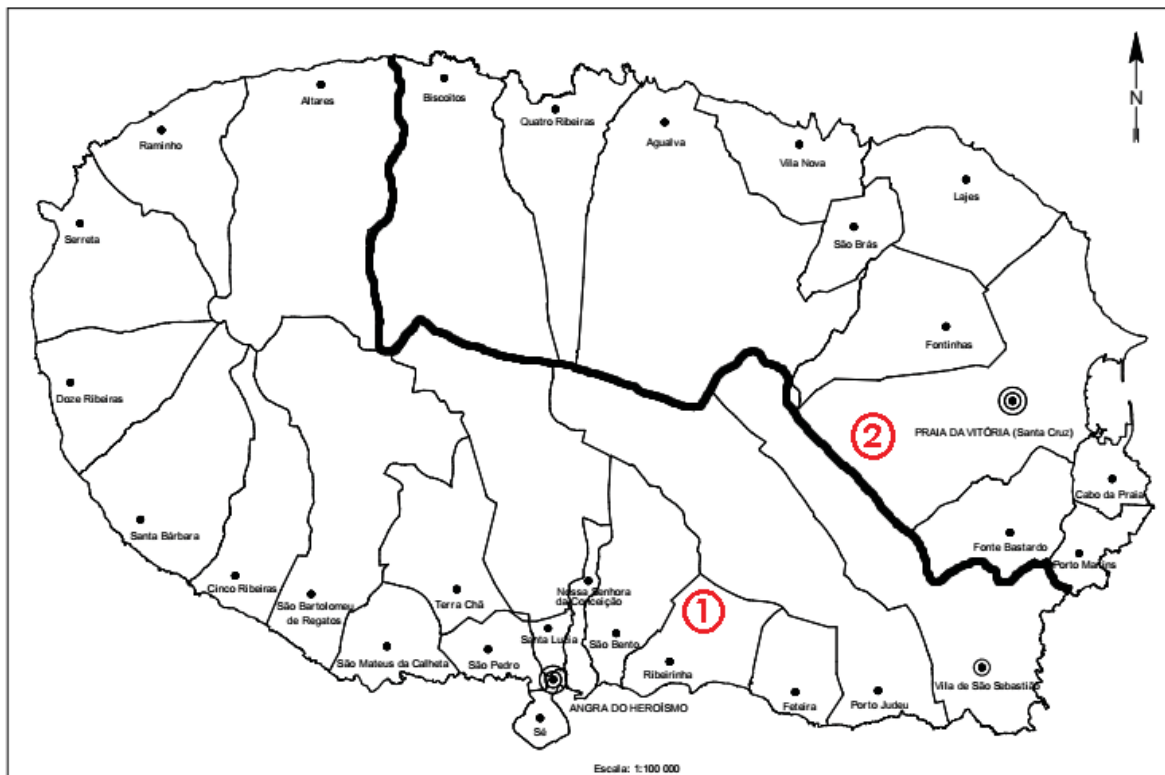


Figura 10 – Localização de paisagens rupestres

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Serra da Ribeirinha	Ribeirinha
2	Serra do Cume	Santa Cruz

Costa e Jardim, 2020.

9.2. Relheiras

Foram vários os objetos encontrados na ilha Terceira, remetentes ao período anterior ao século XV, época das descobertas portuguesas das ilhas (Costa e Jardim, 2020).

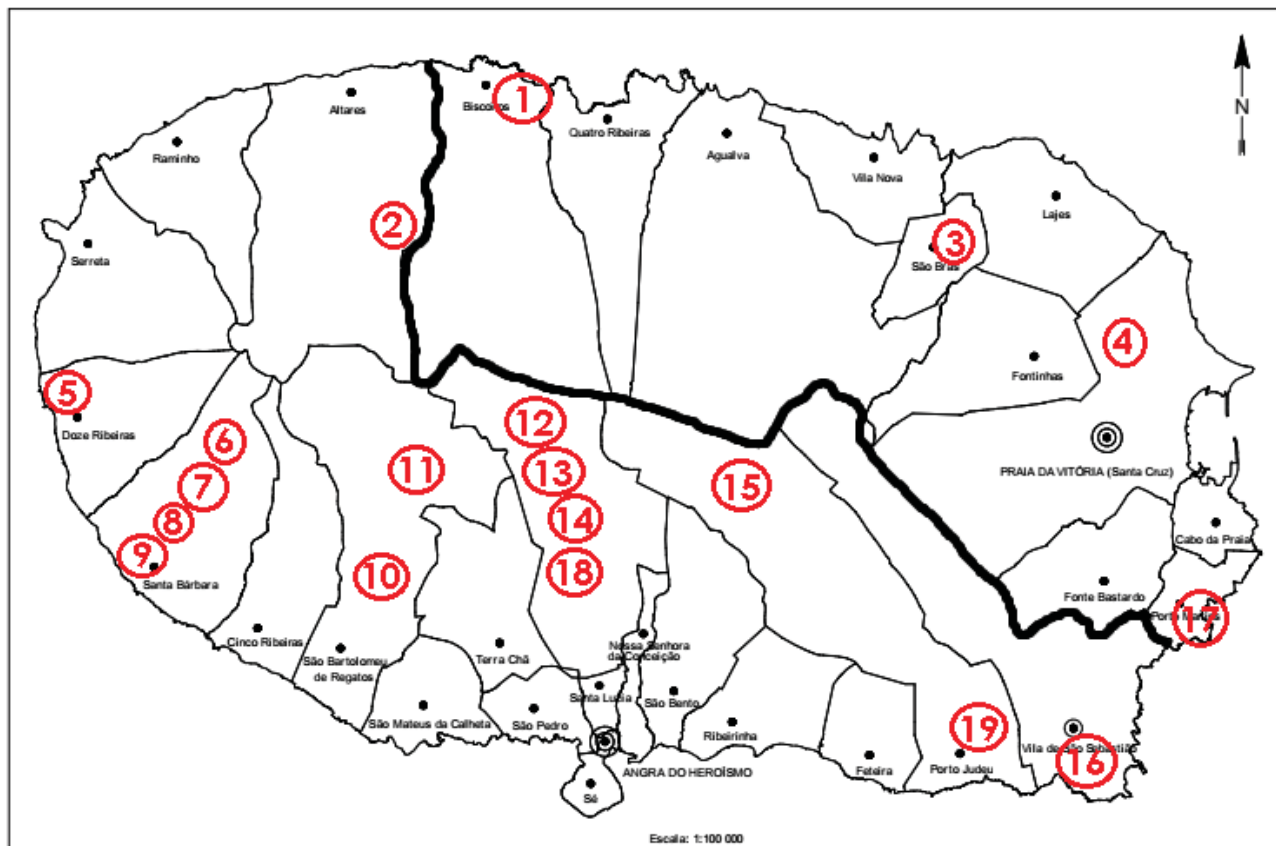
As relheiras fizeram parte desses objetos, que são caracterizadas por sulcos profundos e largos, deixados na pedra fragmentada, que ao longo dos tempos foram sendo desgastadas com a passagem dos carros de bois, deixando um trajeto (Resendes e Moniz, 2015:42-47). Existem poucas referências sobre este tema das relheiras na historiografia açoriana (Resendes e Moniz, 2015:42-47).

Vários relatos foram feitos a pessoas mais antigas, foi possível reunir várias informações relativamente aos traços deixados pelos carros de bois (Resendes e Moniz, 2015:42-47). Como já foi referido, com o passar dos tempos estas marcas foram desaparecendo, ficando apenas troços e vestígios em ribeiras, matos e antigas canadas, o que torna difícil a sua localização e identificação (Resendes e Moniz, 2015:42-47).

Estas marcas são parte integrante da cultura da ilha Terceira, formando assim um registo do passado com grande importância que é necessário preservar para que assim, a geração futura possa ter acesso a essa parte da história (Resendes e Moniz, 2015:42-47). Para além da sua preservação e conservação, é de extrema importância serem promovidas como locais de interesse histórico-culturais e como locais de visita e interpretação ambiental e cultural (Resendes e Moniz, 2015:42-47).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Marcas de um passado desconhecido: Relheiras



Mapa 11 – Localização de Relheiras

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Canada do Barreiro	Biscoitos
2	Ribeira da Lapa	Altares
3	Trilho Pedestre das Relheiras de São Brás; Canada Larga	São Brás
4	Fonduras	Santa Cruz
5	Canada da Ribeira das Dez	Doze Ribeiras
6	Reservatório	Santa Bárbara
7	Ribeira das Sete/Caminho de Cima	Santa Bárbara
8	Ribeira das Sete/Junto à igreja	Santa Bárbara
9	Ribeira das Sete/Rua N ^a Sr ^a da Ajuda	Santa Bárbara
10	Ribeira da Ponte	São Bartolomeu
11	Canada do Boqueirão; Caminho da Calçada; Biscoito dos Carros	São Bartolomeu
12	Três Cantos	Posto Santo
13	Biscoito da Atalhada	Posto Santo
14	Terreiro dos Padres	Posto Santo
15	Biscoito do Juncalinho; Passagem das Bestas; Abaixo da Furna d'Água	Porto Judeu
16	Canada dos Pastos; Salga	São Sebastião
17	Canada do Búzio; Porto de São Fernando; Porto de São Fernando/Forte	Porto Martins
18	Canada dos Carvalhos	Posto Santo
19	Ribeira do Teste; Banda da Canada	Porto Judeu

Resendes e Moniz, 2015

10. Arquitetura rural terceirense

A arquitetura rural da ilha Terceira caracteriza-se por ser um dos elementos mais importantes na paisagem rural que alberga. Esta reflete aspetos associados ao relevo, ao clima, ordenamento produtivo e aos hábitos e tradições vindos dos povoadores de terras nortenhas do norte do país (Fernandes, 1985).

A sua arquitetura começou por ser caracterizadas pelo “palheiro”, uma habitação tradicional, constituído por quatro paredes com pedra seca, sem barro ou argamassa para fazer ligação entre elas. Tinha um teto de palha de trigo e o chão era de terra batida (Fernandes, 1985). As suas divisões interiores eram separadas com “esteiras” de canas forradas com argamassa de barro sem portas, somente aberturas com cortinas de pano (Fernandes, 1985). A cozinha tinha em anexo uma grande chaminé, conhecida como a chaminé de “mãos postas”, que se tornou muito importante para a história da arquitetura do arquipélago, e um forno (Fernandes, 1985).

Quando falamos em arquitetura rural terceirense, temos obrigatoriamente de mencionar a arquitetura do Ramo Grande (*Inventário...* 2004). A arquitetura do Ramo Grande tem sido vista como habitações de dois pisos que se encontram na respetiva área e que chama muito a atenção pela sua dimensão, os seus balcões, pelo pitoresco dos óculos e das cartelas datadas. No entanto, o que distingue estas casas não são as características tipológicas, mas sim as características expressivas, como já foi referido acima (*Inventário...* 2004).

O que verdadeiramente individualiza a casa do Ramo Grande, é a característica cor e a qualidade do talhe dos ignimbritos usados na construção (*Inventário...* 2004). Este são valorizados pelo contraste da pedra bem recortada contra as superfícies brancas da alvenaria rebocada e caiada (*Inventário...* 2004).

10.1. Quinta do Martelo

A Quinta do Martelo localiza-se nos arredores da cidade Património, mais especificamente, na cidade de Angra do Heroísmo (*Sobre a Quinta ...2018*). Esta é conhecida como Quinta do Martelo devido a um elemento, conhecido como aldraba do século XVIII, implementado no portão central da propriedade (*Sobre a Quinta ...2018*).

Esta ganhou conhecimento e importância durante o ciclo da laranja, que ficou conhecido como um dos mais importantes na economia dos Açores, que surgiu posteriormente ao pastel, cereais, até ao que hoje conhecemos como o “ciclo da vaca” (*Sobre a Quinta ...2018*).

Com a evolução dos tempos, esta quinta dedicou-se, principalmente, à produção de vinho e aguardente de nêspira, este que ainda é muito comum na quinta, juntamente com laranjeiras e outras árvores de fruto (*Sobre a Quinta ...2018*). Neste também podemos encontrar várias culturas hortícolas que são usadas no restaurante tradicional “A Venda do Ti Manel da Quinta” (*Sobre a Quinta ...2018*).

A propriedade em si é composta por vários edifícios, como a “Casa dos Velhotes”, a “Casa do Quinteiro” e a “Casa do Povoador” (*Sobre a Quinta ...2018*). A quinta foi reconstruída, de forma a que se mantivesse alguns aspetos regionais, como as antigas oficinas, os tradicionais trabalhos de tingimento e as casas que remetem à colonização dos Açores. Foram também recuperadas áreas agrícolas para a agricultura biológica (*Sobre a Quinta ...2018*).

O principal objetivo desta iniciativa foi a recriação um ambiente rural terceirense, englobando edifícios e ornamentos, gastronomia e roupas, tradição e festividades na cultura da ilha Terceira, oferecendo aos visitantes a sensação de como se vivia há cinco séculos numa fazenda rural tradicional terceirense (*Sobre a Quinta ...2018*).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Povoamento: Arquitetura rural terceirense

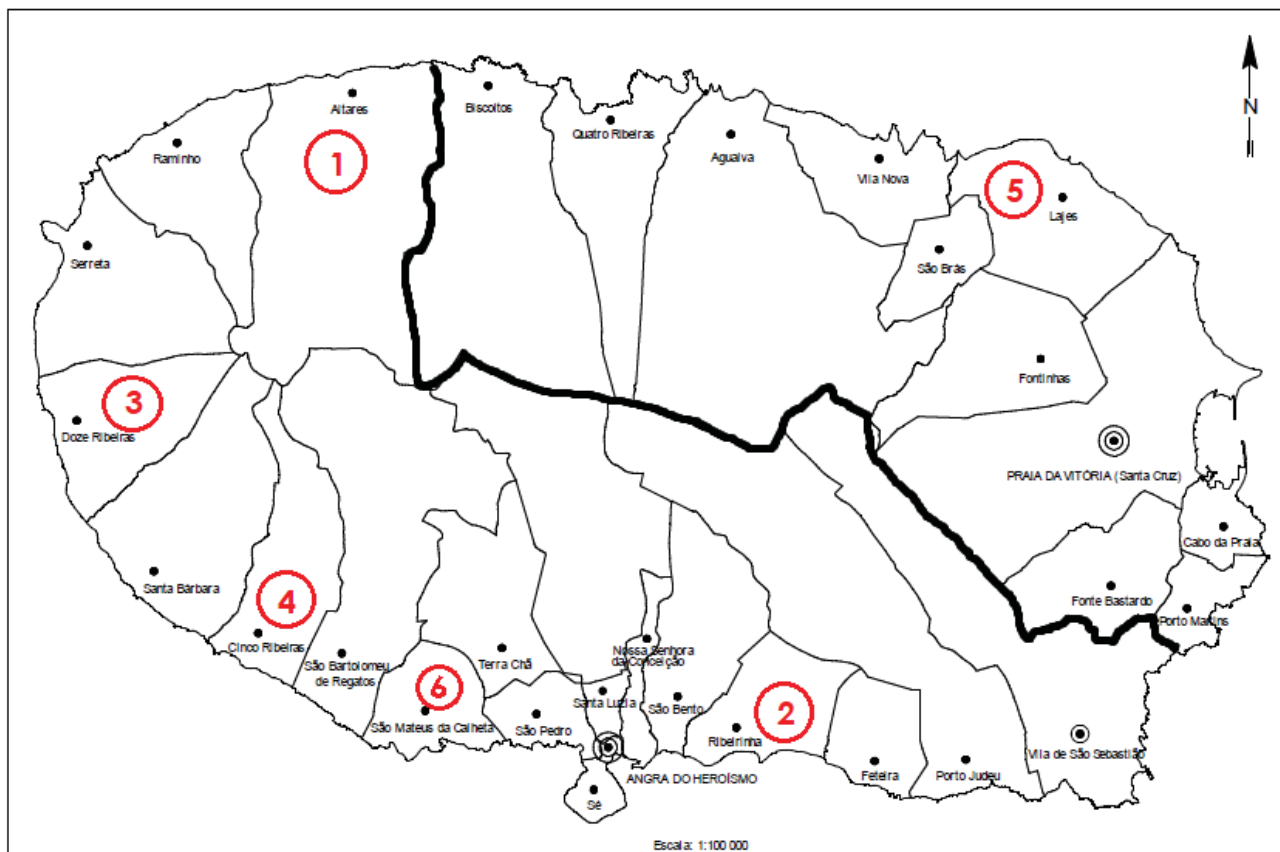


Figura 12- Localização de locais com arquitetura rural

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Museu Etnográfico dos Altares	Altares
2	Museu da Ribeirinha	Ribeirinha
3	Casa da Atafona	Doze Ribeiras
4	“Casa da Chaminé”	Cinco Ribeiras
5	Museu etnográfico do Ramo Grande	Lajes
6	Quinta do Martelo	São Mateus

11. Cidades, vilas e patrimónios urbanos

11.1. Edifícios Religiosos

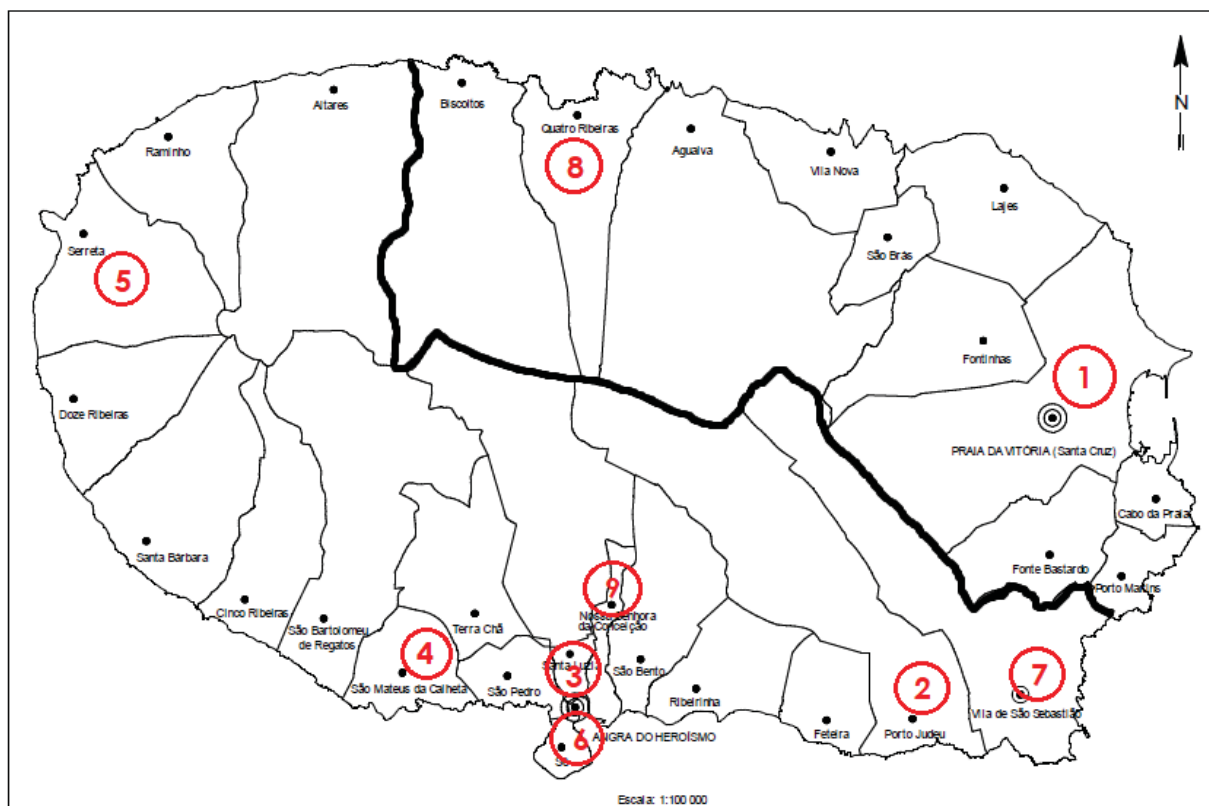
Durante a colonização portuguesa do espaço insular, houve a preocupação da criação de edifícios religiosos, pela parte da Coroa, como ermidas e igrejas (Baptista, 2020:1). Entre 1450 e 1642, por iniciativa da monarquia portuguesa, deu-se a fase de implantação da Igreja nos Açores (Baptista, 2020:1). Não foram construídas só igrejas e ermidas, como também os conventos que começaram a surgir, em 1446, sendo o primeiro convento franciscano erguido na ilha de Santa Maria (Baptista, 2020:1).

Ao longo do século XVI, foram-se instalando vários edifícios religiosos nas ilhas mais povoadas, construindo sete conventos, três em São Miguel, dois na Terceira, um em Santa Maria e um no Faial (Baptista, 2020:1). Durante o decorrer desta época, construíram-se também os mosteiros femininos nos principais centros populacionais, da Ordem de Santa Clara, dos quais, cinco localizam-se na Terceira, incluindo o de São Gonçalo e quatro em São Miguel (Baptista, 2020:1).

Atualmente as Igrejas e conventos, são palco de grande interesse tanto para a cultura açoriana como também para o turismo cultural.

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Cidades, vilas e patrimónios urbanos: Edifícios Religiosos de maior interesse



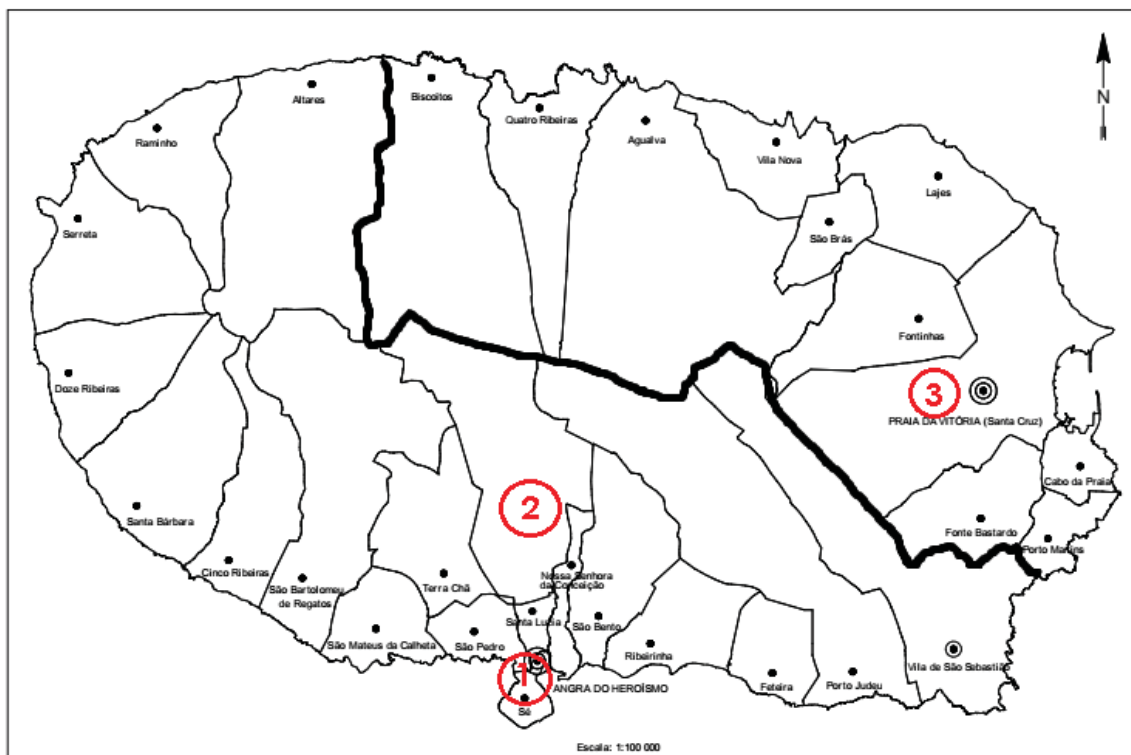
Mapa 13 – Localização de Edifícios Religiosos de maior interesse

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Igreja Matriz da Praia da Vitória; Capela de Santo Cristo	Santa Cruz
2	Ermida Nossa Senhora da Esperança	Porto Judeu
3	Recolhimento Jesus Maria José	Santa Luzia
4	Igreja de São Mateus da Calheta	São Mateus
5	Santuário da Nossa Senhora dos Milagres	Serreta
6	Capela de Santo António da Grotta; Igreja da Misericórdia; Sé Catedral; Igreja e Convento de São Gonçalo	Sé
7	Igreja Matriz de São Sebastião	São Sebastião
8	Igreja de Santa Beatriz	Quatro Ribeiras
9	Igreja Nossa Senhora da Conceição	Conceição

11.2. Mercados e Comércio Tradicional

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Mercados e Comércio Tradicional



Mapa 14- Mercados e Comércio Tradicional

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Mercado Municipal Duque de Bragança; Mercearia Basílio Simões & Irmãos; Pastelaria "Athanasio"; Pastelaria "O Forno"	Sé
2	Mercado agrícola da ilha Terceira	Posto Santo
3	Mercado Municipal da Praia da Vitória	Santa Cruz

11.3. Arquiteturas do espetáculo

11.3.1. Teatro Angrense

Situado no centro histórico da cidade de Angra do Heroísmo, O Teatro Angrense é a principal sala de espetáculos da cidade de Angra e uma das mais importantes dos Açores. Este simboliza a excelência a nível cultural desde o fim do século XIX (*Top Azores...* 2019).

O Teatro Angrense foi criado em 1860, e é caracterizado por ser um teatro aberto, conhecido pelos vários espetáculos ópera italiana e o teatro romântico (Agenda Açores, 2019). Este já recebeu grandes nomes nacionais e internacionais, com destaque para os artistas locais, a nível de musical e teatro (*Top Azores...* 2019).

11.3.2. Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo

o Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, localiza-se no centro de Angra do Heroísmo, na freguesia de Santa Luzia (*Top Azores...* 2019). Antigamente era caracterizada por ser uma praça de toiros (*Top Azores...* 2019). Este edifício alberga vários espaços e equipamentos para satisfazer os seus e é considerado o melhor e mais completo espaço de congressos dos Açores, incluindo um auditório grande, auditório pequeno, uma sala de exposições, sala de formação, sala de reuniões, dois bares, 4 terraços panorâmicos, uma bilheteria, 5 camarins e um gabinete médico (*Top Azores...* 2019).

11.3.3. Auditório do Ramo Grande, Praia da Vitória

O Auditório do Ramo Grande foi inaugurado na cidade da Praia da Vitória em 2003 tendo como espetáculo de estreia a representação da opereta “Dia de S. Vapor”, da autoria de Luís Gil Bettencourt. Este edifício pertence à Cooperativa Praia e é composto por uma sala de espetáculos e de diversas habilidades (*Top Azores...* 2019).

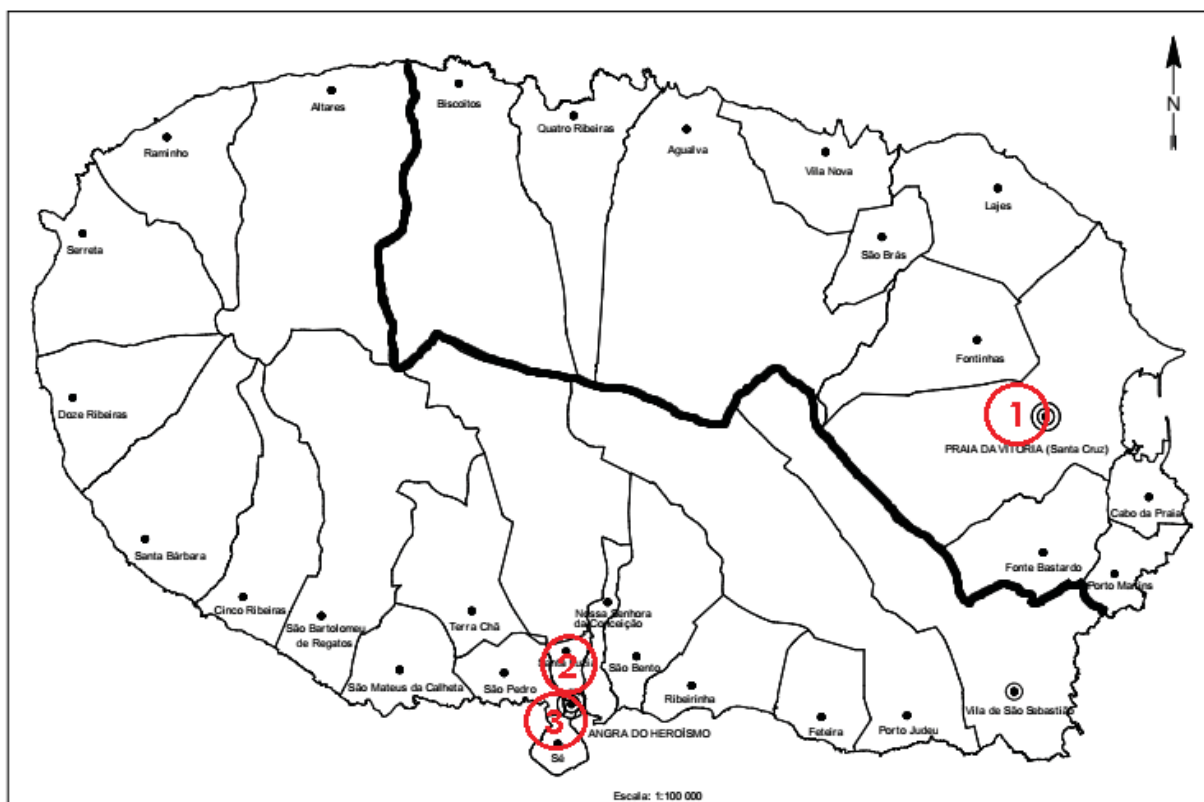
11.3.4. Alpendre, Angra do Heroísmo

O Alpendre foi criado em 1976 por Grupo de Teatro que se apresentou primeira vez, no Teatro Angrense, a 27 de dezembro desse mesmo ano, com “Guerras de Alecrim e Manjerona”, de António José da Silva, (O Judeu) (*Top Azores...* 2019).

O mesmo transformou-se, em outubro de 1979, numa sociedade por quotas. Passado 6 anos, o Governo Regional dos Açores deu-lhe o estatuto de Instituição de Utilidade Pública que tem uma Sede própria (*Top Azores...* 2019).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Cidades, vilas e culturas urbanas: Arquiteturas do espetáculo



Mapa 15 – Localização de Arquiteturas do espetáculo

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Auditório Ramo Grande	Santa Cruz
2	Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo	Santa Luzia
3	Alpendre; Teatro Angrense	Sé

Top Azores...2019

11.4. Angra do Heroísmo: Património da Humanidade

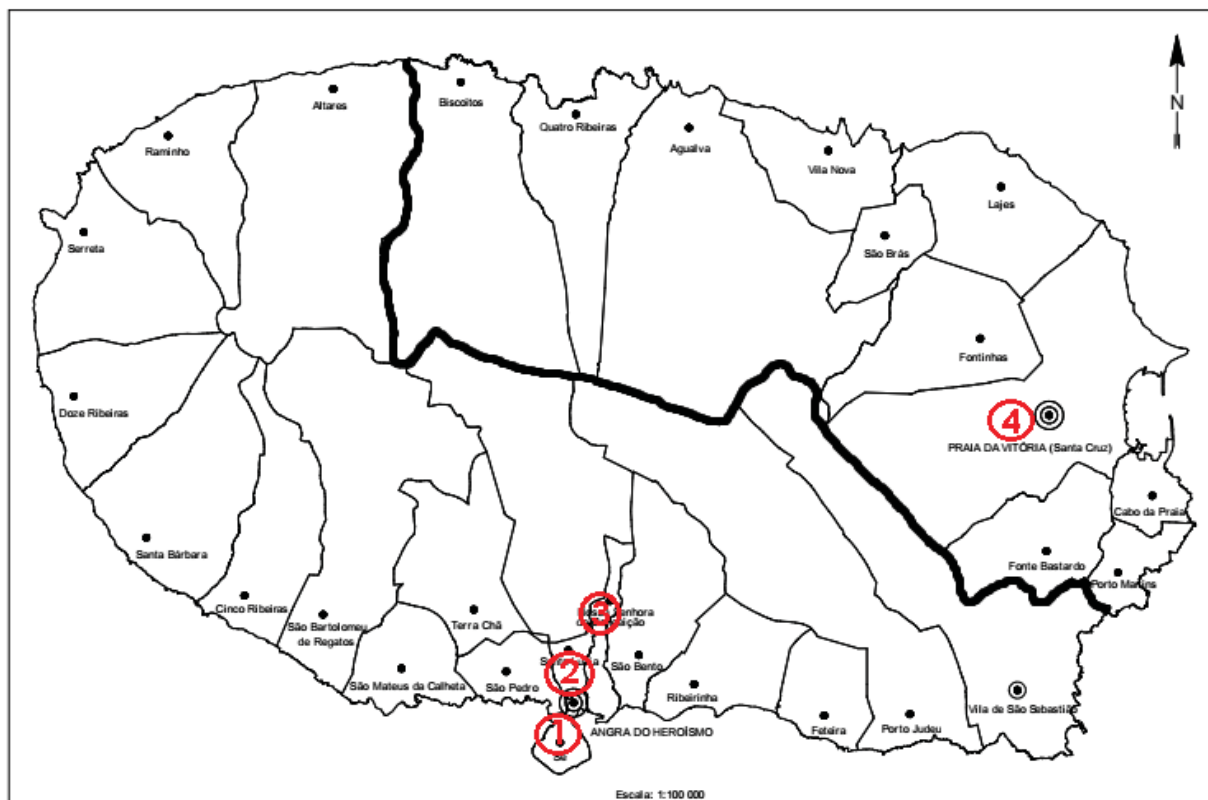
Situada a sul da ilha Terceira, Angra do Heroísmo foi uma importante cidade pelo abrigo protetor da sua “angra”, como escala naval no regresso das Índias entre os séculos XVI e XVIII, desempenhando ainda grande importância nas fases históricas da Ocupação Filipina e da Restauração da Independência de Portugal, bem como no período das lutas entre liberais e absolutistas no século XIX, quando recebeu o título “do Heroísmo” (Fernandes, 1989).

O Centro Histórico de Angra do Heroísmo encontra-se, desde 1983, classificado como Património Mundial pela UNESCO pelos critérios IV (“representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou conjunto arquitetónico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana”) e VI (“estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional”) (*Angra...s.d.*)

12. Casas nobres e arquitetura de prestígio

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Casas nobres e arquitetura de prestígio



Mapa 16 – Localização de casas nobres e de prestígio

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Antigo Palácio Episcopal; Casa do Conde Vila Flor; Paços do Concelho de Angra do Heroísmo; Palácio dos Capitães Gerais; Palácio Bettencourt	Sé
2	Solar de Madre de Deus	Santa Luzia
3	Palacete Silveira e Paulo; Solar e Capela da N ^a Sr ^a dos Remédios	Conceição
4	Casa das Tias Vitorino Nemésio – Biblioteca Silvestre Ribeiro; Casa Museu Vitorino Nemésio; Paços do Concelho da Praia da Vitória	Santa Cruz

Solares...2020.

13. Defesa da ilha e património militar

Portugal encontrava-se prestes a entrar na I Guerra Mundial com a sua política externa totalmente sujeita aos interesses britânicos, devido à mudança de vários governos monárquicos e republicanos fracos (Resendes, 2009:20).

Na ilha Terceira, cidade de Angra do Heroísmo, havia a necessidade de defender nove portos de desembarque, com destaque para o de Angra e Praia. O porto da Praia apresentava melhores condições para os desembarques (Resendes, 2009:37-40). Era necessário construir boas fortificações. A defesa encontrava-se em grande escala no forte de São João Batista (Resendes, 2009:37-40).

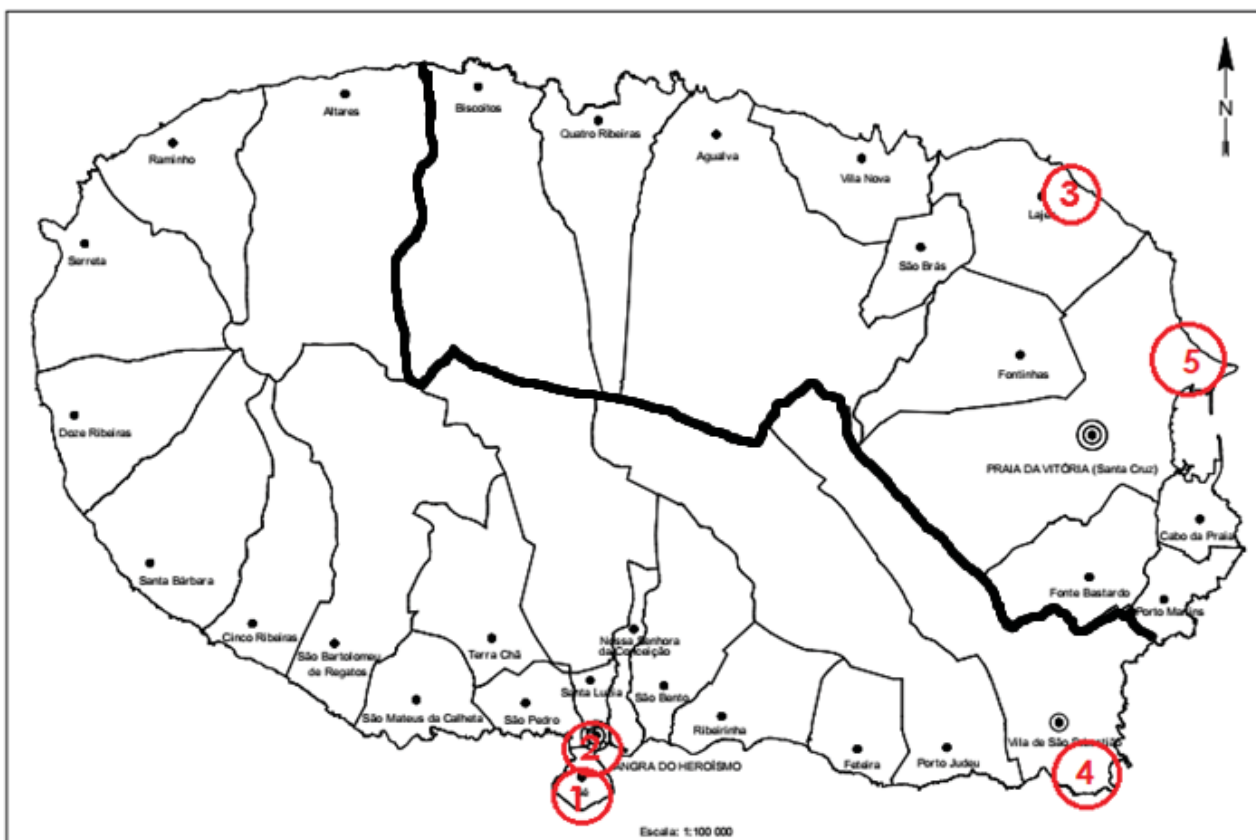
As construções que tiveram mais destaque foram as dos forte de São Sebastião e o de Santo António, que serviam de abrigos (Resendes, 2009:37-40).

Como a ilha possuía diversos pontos de desembarque, havia grande escassez de meios. Para grandes embarcações, os melhores portos estavam localizados na costa Leste e Sul, como o areal da Praia da Vitória, a baía do Fanal e de Angra e os portos da Salga, Porto Judeu, S. Mateus da Calheta e Cinco Ribeiras (Resendes, 2009:37-40). No entanto, na costa Norte, destacavam-se os areais da Vila Nova, Quatro Ribeiras e Biscoitos (Resendes, 2009:37-40).

Na Praia da Vitória foram também montados vários pontos de vigilância, como a do Pico do Facho e no Cabo da Praia, forte de Santa Catarina (Resendes, 2009:37-40).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Defesa da ilha e Património Militar



Mapa 17 – Localização de locais de defesa da ilha

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Fortaleza São João Batista	Sé
2	Núcleo Militar Baptista de Lima	Sé
3	Base Aérea das Lajes	Lajes
4	Fortes de São Sebastião	São Sebastião
5	Forte do Espírito Santo	Santa Cruz

14. Vias de comunicação, transportes e percursos pedestres

14.1. Coleção de transportes do Museu de Angra do Heroísmo

A reserva onde se localiza a coleção encontra-se nas antigas salas de refeição coletiva dos frades do Convento de S. Francisco, construído em meados do século XVII (Silva, 2019:1-5). Em relação à coleção, esta engloba variados carros de tração animal de diferentes tipos, estes que eram utilizados um pouco por todas as estradas da ilha, nomeadamente nos arredores de Angra, Praia e São Sebastião (Silva, 2019:1-5).

Os carros de tração animal desempenharam, desde sempre, um papel importante na vida de vários povos, persistindo até aos dias da evolução da motorização (Silva, 2019:1-5). Estes eram utilizados por toda a população, desde os mais importantes fidalgos até aos mais pobres (Silva, 2019:1-5). É a partir do século XVI, que na Europa, começam a tornar-se mais utilizados como meio de transporte (Silva, 2019:1-5). No reinado de D. João IV, começou a haver o hábito de se deslocarem de coche pelas ruas de Lisboa, havendo a necessidade de destruir edifícios e alargar caminhos (Silva, 2019:1-5).

O aparecimento das carruagens ficou marcado como a época do ouro, no século XIX, terminando com o surgimento dos automóveis em 1890 (Silva, 2019:1-5). Com o passar dos anos, os carros de tração animal foram desaparecendo (Silva, 2019:1-5). Nos Açores, este tipo de veículo, manteve-se quase até à atualidade, com um papel importante no apoio às atividades agrícolas e comerciais (Silva, 2019:1-5).

Esta coleção é composta por vários tipos de viaturas, com características de todos os países, como o *Caleche*, muito usado em França e em Inglaterra, o *Landau*, originária da Alemanha, a *Vitória*, muito comum em Inglaterra no século XIX, para cavalos, a *Sege*, utilizada no século XVIII, entre outras (Silva, 2019:1-5). Para além destas variadas viaturas, a coleção

engloba outras peças, como conjuntos de arreios ricos do século XIX (Silva, 2019:1-5).

14.2. Percursos Pedestres

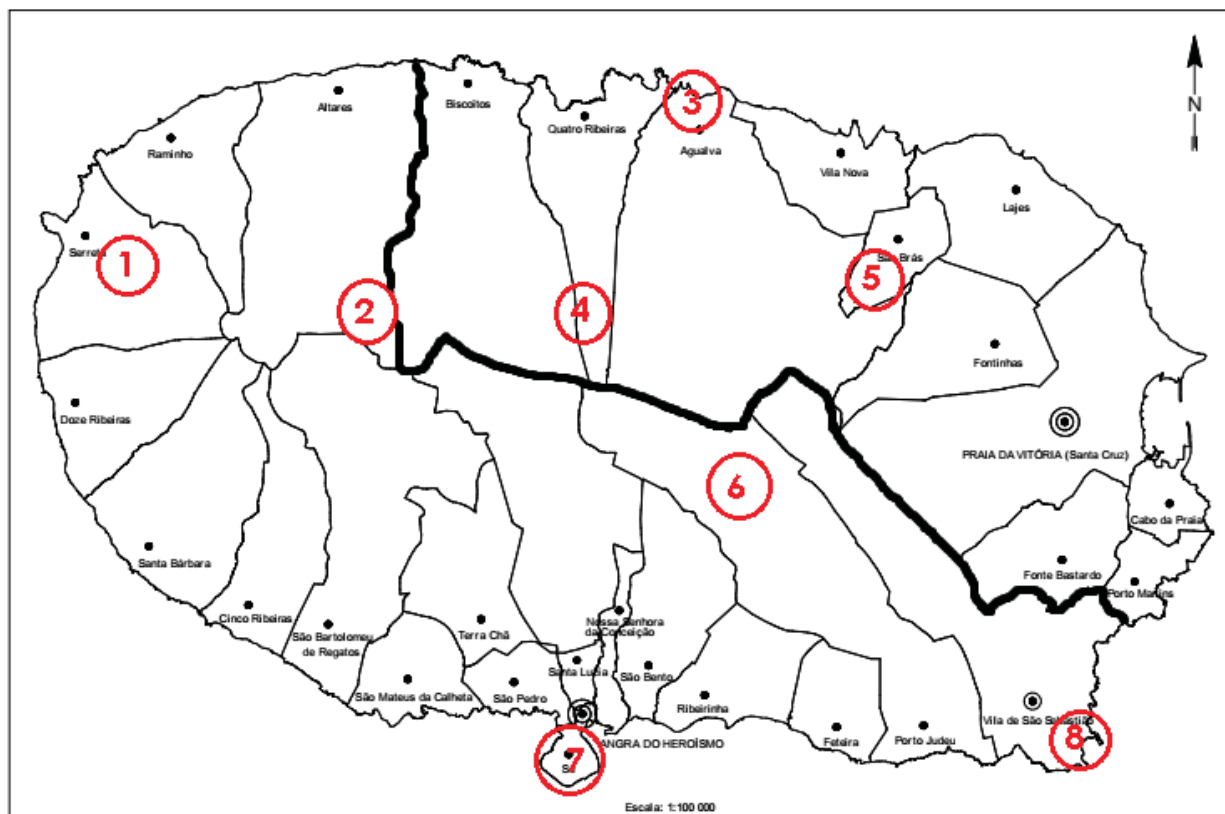
O pedestrianismo procura os caminhos tradicionais e de montanha, no meio rural e nas cidades, no interior e no litoral. Para facilitar a sua prática são criados percursos pedestres sinalizados que têm por finalidade conduzir os praticantes que os percorrem (Tovar, 2010:3). A prática de trilhos é feita, normalmente, em função de proporcionar o bem-estar dos praticantes, pois ao praticarem esta modalidade estão automaticamente em contacto com a natureza.

Nos Açores, durante muito tempo, a maneira mais fácil de viajar entre vários locais, na mesma ilha, era por mar, pois os caminhos eram escassos e eram poucos aqueles que possibilitavam a passagem de carruagens ou carros de bois (*Trilhos dos Açores...*2020). Esses caminhos que existiam, eram por onde passavam os habitantes que iam para as festas vizinhas, por onde passavam os produtos agrícolas, o peixe, o carvão e outras mercadorias (*Trilhos dos Açores...*2020).

Esta rede de caminhos pedestres e trilhas, tem vindo a ser reabilitada para que todos possam usufruir da paisagem da região. Cada trilho é composto por zonas de beleza excepcional, tanto junto ao mar, como em altitude (*Trilhos dos Açores...*2020).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Percursos pedestres: trilhos



Mapa 18 – Localização trilhos pedestres

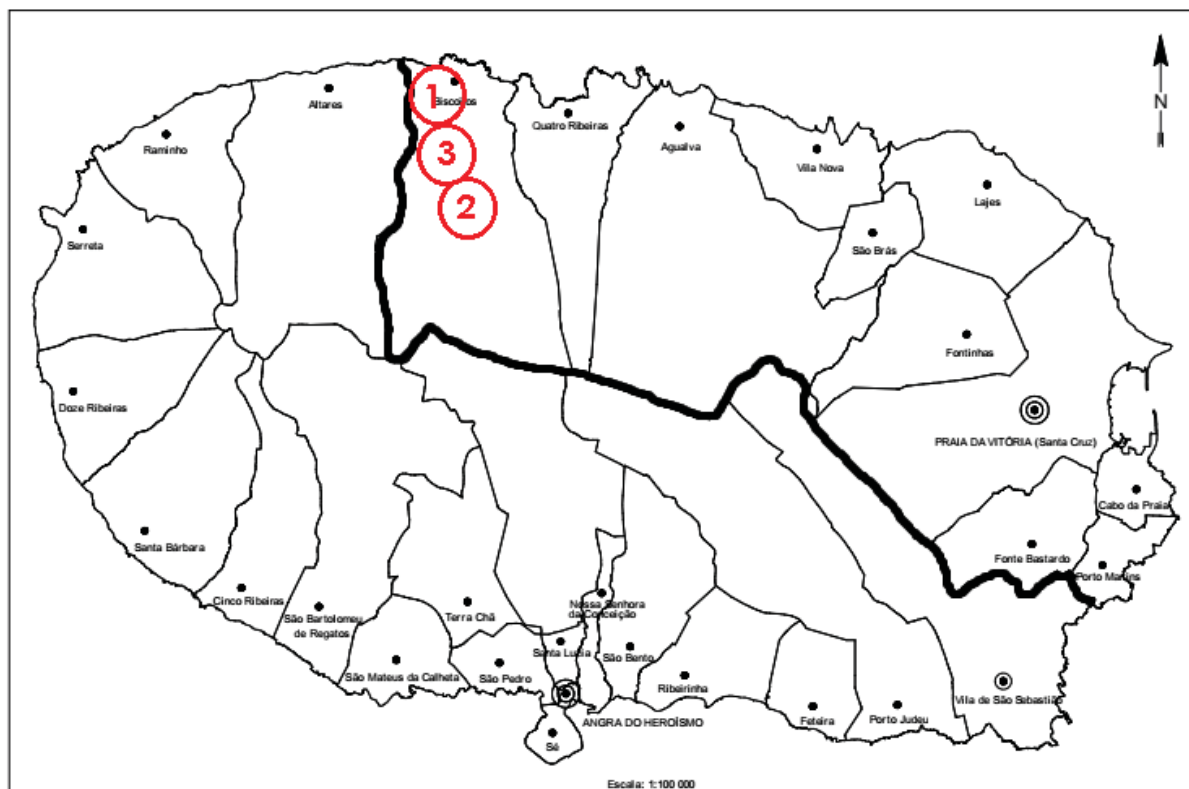
Legenda	Nome do Recurso
1	Serreta
2	Mistérios Negros
3	Baía da Agualva
4	Rocha do Chambre
5	Relheiras de São Brás
6	Passagem das Bestas
7	Monte Brasil
8	Fortes de São Sebastião

15. Produções e alfaías agrárias

15.1. Produção e Património vitivinícola

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Produção vitivinícola



Mapa 19 –Localizações de Produção Vinícola

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Cultivo da Vinha	Biscoitos
2	Museu do Vinho	Biscoitos
3	Adegas dos Ferreiros	Biscoitos

15.2. Património Moageiro

15.2.1. Moinhos de Água

Em meados do século XV, começou a ser organizada a natureza-cultura na ilha Terceira, pela capitania que tinha sede na Praia (Silva, 2012:17-21). No entanto, mais tarde, em 1474, decidiram criar uma capitania em Angra, pois esta caracterizava-se por ser uma povoação que ocupava duas vertentes de um vale, por onde passava uma ribeira que desaguava numa baía abrigada pelo Monte Brasil (Silva, 2012:17-21).

Estas mesmas capitánias foram extintas em 1766, embora a divisão da ilha, a nível de concelhos, se tenha mantido até aos dias de hoje (Silva, 2012:17-21). Esta divisão por capitánias e municípios tinha a função de assegurar o abastecimento da alimentação à população e de regular a água doce que era distribuída, esta que se tornava escassa nos meses mais secos, prejudicando a produção do cereal e da farinha que eram os alimentos base dos açorianos (Silva, 2012:17-21).

O trigo tornou-se um alimento muito importante, na segunda metade do século XV. Este assumia um papel lucrativo para o comércio, tanto do espaço insular como também nas redes de comércio Atlântico, associado ao pastel (Silva, 2012:17-21). Devido à importância que tinha, foi necessário organizar os processos de transformação do cereal em farinha, combinando o tipo de cereais, as forças motrizes, ou seja, o trabalho manual que era feito pelo homem e pelo animal, o movimento da água e do ar e eletricidade que era utilizada, os aparelhos de moagem que eram necessários, como os moinhos de vento e de água, moinhos manuais e atafonas e moagens elétricas, os instrumentos que eram utilizados para o trabalho, as pessoas que estavam envolvidas, os espaços onde preparavam a farinha e como era feita a sua distribuição (Silva, 2012:17-21).

Na capitania da Praia foram construídos 8 moinhos na Ribeira da Silveira, Agualva, onde se encontrava o maior caudal da ilha e 3 na Ribeira dos Moinhos, que se localizava acima da baía das Quatro Ribeiras (Silva, 2012:17-21). No entanto, o sistema de farinação estava situado na zona de articulação entre os espaços planos de produção cerealífera, local onde os cursos de água escasseavam e as vertentes do Maciço do Pico Alto (Silva, 2012:17-21). Isto fazia com que a produção se diminuísse nos meses de maio e outubro, pois eram os meses mais quentes, levando à criação de atafonas para a farinação doméstica em várias casas agrícolas (Silva, 2012:17-21).

O concelho da Praia, foi também local de construção de vários moinhos, com principal destaque para os moinhos de vento, tendo sido o primeiro construído na Fonte do Bastardo e posteriormente a construção de outros em locais de elevada altitude, na Vila da Praia e nos Biscoitos, para assim atenuar a dependência das azenhas (Silva, 2012:17-21).

Já no século XIX, foram construídos moinhos de vento no Porto Judeu e no Maciço da Serra de Santa Bárbara, Doze Ribeiras, Serreta e Raminho (Silva, 2012:17-21).

A Ribeira permanente existente em Angra, que nascia na Serra do Morião, foi desviada por uma levada de pedra que permitia a regulação e a gerência eficaz dos caudais e da energia cinética (Silva, 2012:17-21). Esta levada, denominada Ribeira dos Moinhos, tornou-se o eixo-hídrico da cidade e um forte elemento de organização, pois conseguia satisfazer as necessidades humanas, industriais, comerciais e hortícolas, devido à construção de várias arquiteturas de água, como é o caso dos tanques, fontes, condutas, lavadouros e bebedouros (Silva, 2012:17-21).

Devido à importância que possui, em 1983, a zona central de Angra do Heroísmo passou a fazer parte da lista do Património Mundial da UNESCO, e posteriormente, em 2004, 4 azenhas da Ribeira dos Moinhos foram

classificadas como Património imóvel da Região Autónoma dos Açores (Silva, 2012:17-21).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Património Moageiro: Moinhos de Água

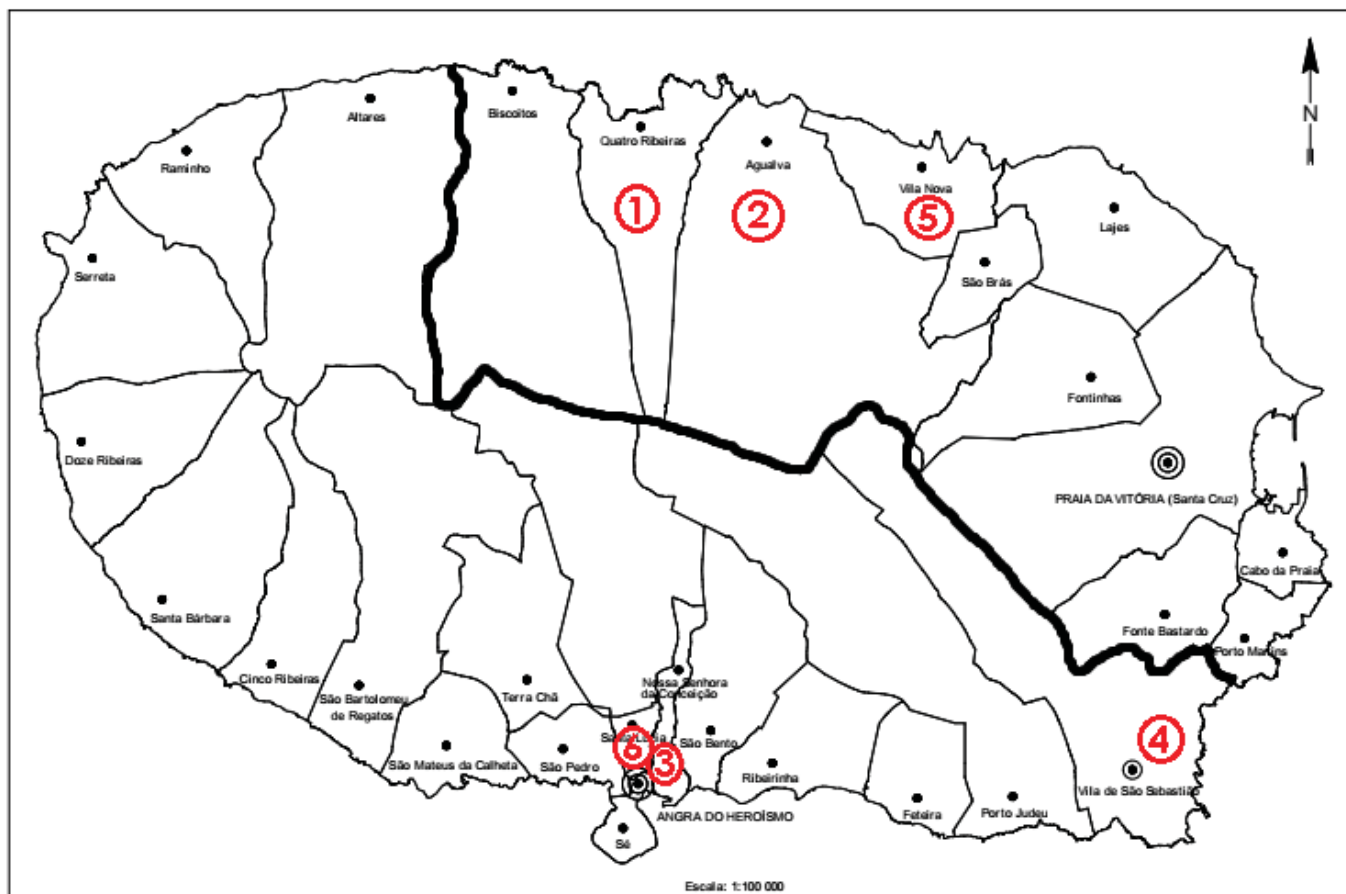


Figura 20 – Localização de moinhos de água

Legenda	Sítio onde se encontra	Localização
1	Caminho do Mar	Quatro Ribeiras
2	Rua dos Moinhos	Aqualva
3	Ladeira de São Francisco; Estrada Pero de Barcelos	Conceição
4	Ribeira do Frei João; Rochão da Cruz	São Sebastião
5	Terreiro do Santo	Vila Nova
6	São João de Deus	Santa Luzia

Resolução nº234/96 de 3 de outubro.

15.2.2. Moinhos de Vento

A ilha Terceira é uma das ilhas mais complexas no que diz respeito a moinhos de vento, onde existe exemplos raríssimos de tipo tradicional, como moinhos fixos de pedra ou de “torre”, do mesmo tipo dos existentes na ilha de São Miguel, moinhos fixos de pedra do tipo continental nortenho, moinhos giratórios de madeira, de espigão central, sobre um pedestal de pedra, existindo apenas um exemplar na freguesia da Serreta e por fim, pequenos moinhos mecanizados com hélices de pás e rolamentos com esferas, estes que são responsáveis pela moagem rústica local (Oliveira *et al.*, 1965:75-77).

A maioria dos moinhos existentes nos Açores são particulares, o que levou à sua rápida degradação. De todos os moinhos, cinco são propriedade do Governo Regional dos Açores e outros seis pertencem a autarquias (Lobão e Ramires, 2004:28).

A ilha Terceira conta com um total de 20 moinhos de vento, tendo 4 em bom estado, 5 em estado razoável, 1 em mau estado e 10 em ruína (Lobão e Ramires, 2004:28).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Património Moageiro: Moinhos de Vento

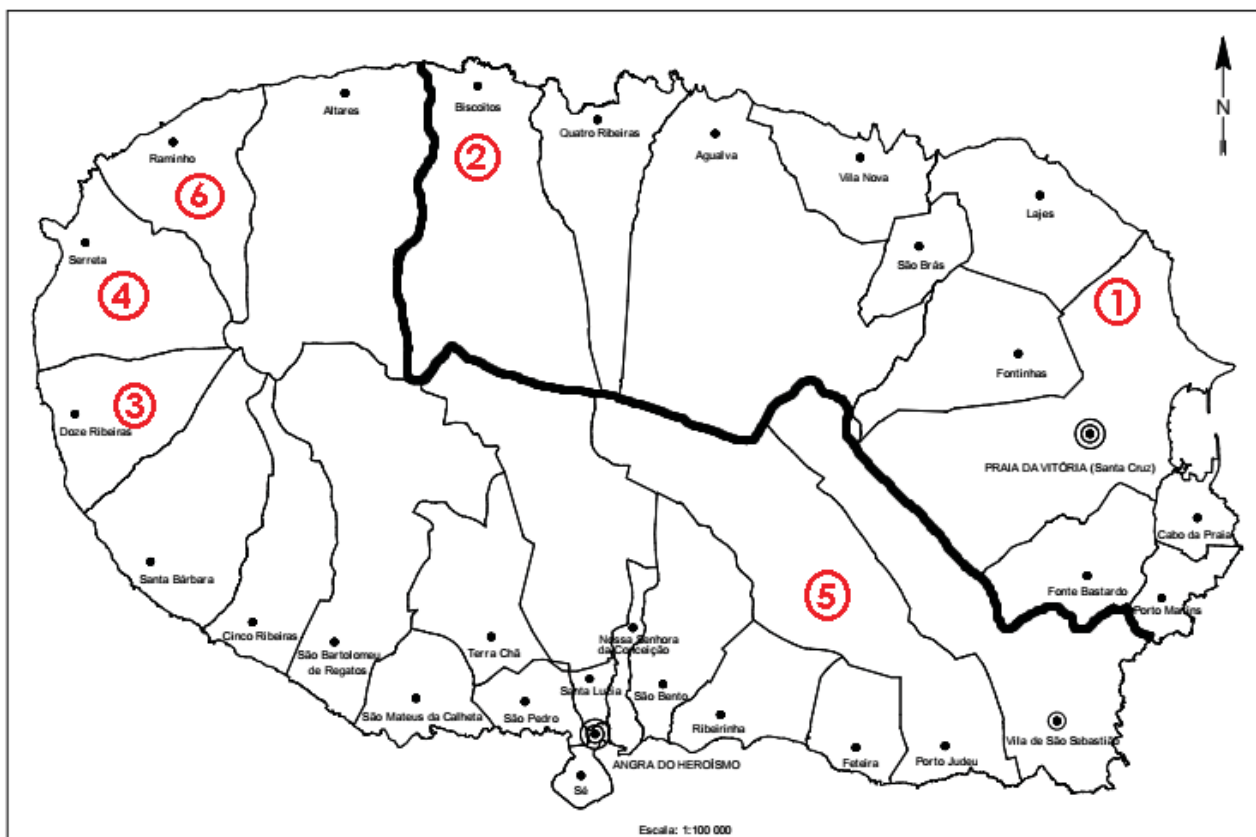


Figura 21 – Localização dos moinhos de vento

Legenda	Sítio onde se encontra	Localização
1	Vale Farto	Santa Cruz
2	Ponta Negra; Rua dos Boiões	Biscoitos
3	Outeiro Alto	Doze Ribeiras
4	Ladeira do Alves	Serreta
5	Canada João Pacheco	Porto Judeu
6	Cabo do Raminho	Raminho

Resolução nº234/96 de 3 de outubro.

16. Criação de animais de prestígio

16.1. Raça autóctone Ramo Grande

Na época do povoamento dos Açores, houve a chegada de bovinos de diversas regiões do Continente que, devido à insularidade e ao isolamento geográfico, ganharam características próprias dando origem aos bovinos Ramo Grande (*Raça Ramo Grande...* 2020). Muitos são os relatos que referem a probabilidade dos bovinos serem de origem Algarvia, pois os descobridores saíram de Sagres (*Raça Ramo Grande...* 2020). Foram várias as raças nacionais introduzidas nos Açores, como a raça Alentejana, a Mirandesa, a Minhota e a Algarvia, estas que ao se depararem com a insularidade, deram mais tarde origem a um tipo de bovino com pelagem avermelhada, designado “raça da terra” (*Raça Ramo Grande...* 2020).

A maioria dos autores afirmam que as quatro as raças referidas anteriormente, foram as grandes impulsionadoras da origem da raça do “Ramo Grande”, no entanto, salientem que a raça Alentejana foi a desempenhou o papel principal na formação do núcleo desta raça (*Raça Ramo Grande...* 2020).

Os animais eram tratados como família e bem alimentados, pelo que se criavam grandes e gordos bois. Estes trabalhavam dois ou três anos e de seguida eram exportados para o matadouro de Lisboa, quando atingiam as idades entre os quatro e os cinco anos (*Raça Ramo Grande...* 2020).

A raça do Ramo Grande é atualmente muito reduzida, devido à sua utilização em cruzamentos com raças especializadas de carne, pela introdução da raça Holstein Frísia e devido à mecanização dos trabalhos agrícolas, fazendo com que os criadores optassem por sistemas de produção mais rentáveis (*Raça Ramo Grande...* 2020).

16.2. Toiro Bravo da ilha Terceira

O toiro é um elemento importante na cultura terceirense, pois desenvolveu ao longo dos tempos, uma perceção da importância dos recursos naturais. O toiro foi o elo de ligação entre a cultura e a natureza (*Património Cultural – Toiro Bravo...2013:1,2*).

Na época da descoberta da ilha Terceira, chegaram à ilha as primeiras naus que deram início ao seu povoamento (*Património Cultural – Toiro Bravo...2013:1,2*). Nestas vieram grupos vocacionados para as artes taurinas e com ligações fortes ao culto do Espírito Santo (*Património Cultural – Toiro Bravo...2013:1,2*). Nessa onde de povoamento foram introduzidos, o Toiro, a Tourada à Corda e a Corrida de Praça, ficando um povo conhecido pela sua vocação para as artes taurinas por costume e compromisso antigos (*Património Cultural – Toiro Bravo...2013:1,2*).

O interior da ilha Terceira é caracterizado e vocacionado para o toiro (*Património Cultural – Toiro Bravo...2013:1,2*). Posto isto, é fundamental a preservação destes animais e proteção da natureza que os rodeia, ajudando assim a definir a identidade do povo terceirense (*Património Cultural – Toiro Bravo...2013:1,2*).

Existe uma grande relação entre os lugares onde são criados toiros e os ecossistemas naturais na ilha (*Património Cultural – Toiro Bravo...2013:1,2*). Os locais onde se encontram, abrangem as ganadarias conhecidas como reservas biológicas de particular interesse a nível de estudos e monitorização da vida selvagem que ocorre nesses espaços (*Património Cultural – Toiro Bravo...2013:1,2*).

16.2.1. A Rota do Toiro

Desde sempre que a tauromaquia é caracterizada por ser uma cultura ancestral dos Açores (*Rota do Toiro...s.d.*). Esta cultura tão apreciada, começou quando os primeiros colonos trouxeram para a ilha o gado bovino, que inicialmente era criado ao abandono nos matos do interior da ilha, adquirindo ao longo dos tempos características bravias (*Rota do Toiro...s.d.*). Com o passar dos tempos, o cruzamento e seleção da espécie e a forma como eram tratados, possibilitaram a formação de novas características, criando o toiro que conhecemos hoje (*Rota do Toiro...s.d.*).

As práticas das corridas de toiro eram realizadas em todas as ilhas do arquipélago, no entanto a ilha Terceira foi a única que prosperou nesta atividade expandindo novamente só para algumas ilhas do grupo central, em meados do século XX (*Rota do Toiro...s.d.*). Esta abundância de corridas de toiro e touradas na ilha Terceira, deu-se devido ao grande número de gado bravo no interior da ilha, no entanto diz-se que a presença de atividades espanholas, derivadas da ocupação castelhana, ajudaram na persistência desta cultura (*Rota do Toiro...s.d.*). O espetáculo dos toiros era a diversão dos nobres e fidalgos (*Rota do Toiro...s.d.*).

Em 1622, surge a primeira tourada à corda com as celebrações em Angra da canonização de S. Francisco Xavier e Santo Inácio de Loyola (*Rota do Toiro...s.d.*). Nos dias de hoje, a tauromaquia é conhecida como um evento histórico, cultural, filosófico, turístico, económico, político e social de grande prestígio, tendo como elemento principal o Toiro Bravo (*Rota do Toiro...s.d.*).

A tourada à corda é conhecida como a maior manifestação popular dos Açores enchendo os arraiais das ilhas do grupo central (*Rota do Toiro...s.d.*). Outra vertente da tauromaquia são as Corridas de Praça, atividade que existe há cerca de 200 anos (*Rota do Toiro...s.d.*). Foram várias as praças existentes, dando destaque para a Praça de São João, que ficava localizada onde hoje

se encontra o Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo e a Praça do Espírito Santo, localizada perto do Alto da Memória. Relativamente à atual Praça de Toiros da ilha Terceira, esta tem vindo a evoluir com o intuito de se aproximar a nível de excelência dos grandes centros da Tauromaquia mundial (*Rota do Toiro...s.d.*).

Devido à importância desta atividade tauromáquica, foi criado um projeto intitulado “A Rota do Toiro”, organizado pela Tertúlia Tauromáquica Terceirense, a Associação Regional de Criadores da Tourada à corda, a Delegação de Turismo da Ilha Terceira, a Direção Regional de Desenvolvimento Agrário e pela Associação Regional de Turismo dos Açores (*Rota do Toiro...s.d.*). Esta iniciativa permite aos que nos visitam e aos residentes, experienciar esta atividade única e cheia de emoções, que é a Festa Brava, podendo visitar as várias estruturas e habitat natural do toiro (*Rota do Toiro...s.d.*).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Criação de Animais de Prestígio: Rota do Toiro

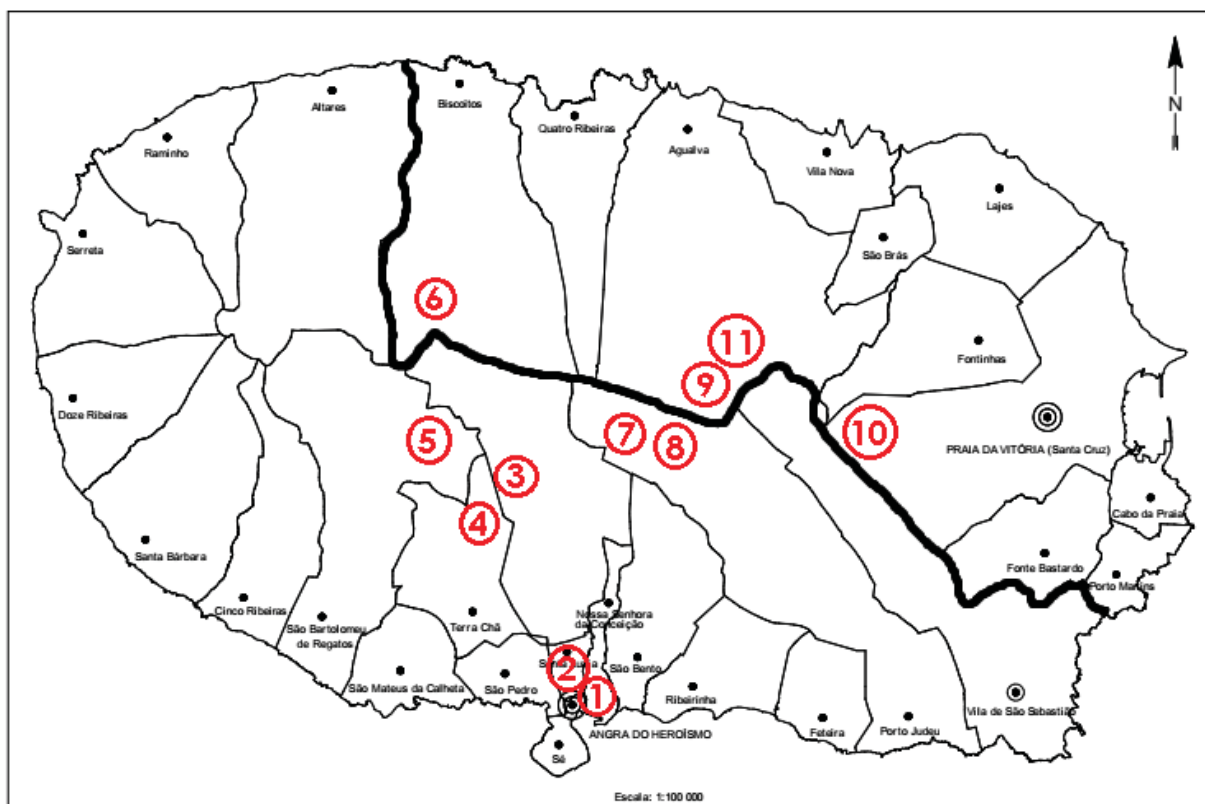


Figura 22 – Rota do Toiro

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Monumento do Focado; Monumento ao Toiro; Praça de Toiros da ilha Terceira; Tertúlia Tauromáquica Terceirense	Conceição
2	Praça de S. João	Santa Luzia
3	Eliseu Gomes; Museu Taurino	Posto Santo
4	Francisco Sousa	Terra-Chã
5	Humberto Filipe	São Bartolomeu
6	Herdeiros de Ezequiel Rodrigues	Biscoitos
7	Casa Agrícola José Albino Fernandes	Porto Judeu
8	Manuel de Borba Gaspar (João Quinteiro)	Porto Judeu
9	Rego Botelho	Aigualva
10	“O Esconderijo”	Aigualva
11	“A Pedra Furada”	Santa Cruz

Rota do Toiro...s.d.

16.3. Pónei da ilha Terceira: raça autóctone portuguesa

Ao longo dos séculos, o Pónei da Terceira foi selecionado de forma empírica pela população da ilha. Relatos afirmam que foi um processo natural, pois quando os Açores foram povoados, os cavalos da Península Ibérica eram de porte pequeno (*Póneis...* 2019).

Os Póneis da Terceira são muito robustos, têm elevada resistência e ótimos andamentos, transformando-se em espécies de máquinas agrícolas. Estes faziam distribuição de mercadorias, como lenha, peixe ou pão (*Póneis...* 2019).

Os anos foram passando e começou a haver o aparecimento de máquinas agrícolas, o que fez com que a raça fosse perdendo utilidade (*Póneis...* 2019). Esta é agora classificada como a quarta raça de cavalos em Portugal, desenvolvida na ilha Terceira e distingue-se por ter as dimensões de um pónei, no entanto apresenta características morfológicas de um cavalo (*Póneis...* 2019).

A raça foi oficialmente reconhecida em 2012. Atualmente existem 118 póneis da Terceira, sendo que só na Universidade dos Açores estão 54 e 6 foram enviados para o continente, para a divulgação da raça (*Póneis...* 2019).

16.4. Cão Barbado da ilha Terceira

No início do povoamento do arquipélago dos Açores, a pecuária teve muita importância na economia local. Com ela foram importados do continente cães pastores, estes que remetem para a possível origem do Barbado, que eram utilizados no manejo do gado bravo. Estes cães desenvolveram um conjunto de apetências ao adaptarem-se ao clima da ilha (*Barbado...2018*).

A partir da década de 70 os terceirenses passaram a dar maior importância ao cão Barbado, havendo vários investigadores que procuraram aprofundar este estudo e criou-se a Associação Açoriana de Criadores do Cão Barbado da Terceira. Após um longo trabalho de investigação, puderam concluir que existiam 80 cães que possuíam características comuns a nível de genéticas, representando uma raça (*Barbado...2018*).

O Barbado da Terceira foi reconhecido pelo Clube Português de Canicultura em 2004, continuando a exercer funções de condutor de gado. No entanto, apesar de ser utilizado como cão de guarda, é estimado como cão de companhia, estando em grande crescimento em Portugal (*Barbado...2018*).

17. Recursos marítimo e património

A ilha Terceira possui uma orografia e localização geográfica que permite a criação de condições perfeitas para passeios de barco e a observação da vida marinha (*Mar de Descobertas...2020*).

O Monte Brasil alberga várias vigias de baleias e cachalotes e as mais variadas espécies de golfinhos, bem como as raras baleias-de-bico. Estas têm a função de informar as embarcações da localização destes cetáceos (*Mar de Descobertas...2020*).

Ao longo da sua costa, existem zonas balneares com negras pedras vulcânicas (*Mar de Descobertas...2020*). Estas estão localizadas, na costa sul no Porto Martins, a Gruta das Agulhas e as Cinco Ribeiras e na costa norte, tem a Vila Nova, as Quatro Ribeiras e os Biscoitos com imensas paisagens naturais e oferecem experiências aos visitantes com interesse no mar, praia e nas atividades náuticas (*Mar de Descobertas...2020*).

O mar da Terceira é rico em várias atividades, em especial o mergulho, onde pode ser exercido na gruta das Cinco Ribeiras, caracterizada por um tubo de lava submarino rico em vida marinha, este que está integrado no Parque Natural da Terceira. Outro local de imensa riqueza é o Parque Arqueológico Subaquático, localizado na baía de Angra do Heroísmo, caracterizado por ser um museu subaquático, onde ocorreram imensos naufrágios (*Mar de Descobertas...2020*).

O seu mar permitiu desde muito cedo a formação de vários portos para que assim pudessem entrar as embarcações vindas do continente e de outras partes do mundo, mas principalmente para servirem de abrigo aos barcos de pesca. De entre os vários portos, damos destaque ao Porto da Praia da Vitória, Porto das Pipas em Angra do Heroísmo, o Porto de São Fernando no Porto Martins, o Porto de Pescas de São Mateus da Calheta, Marina da Praia da Vitória e Marina de Angra.

17.1. Património Baleeiro

Em 1880 foi criada a primeira armação baleeira em São Jorge, na freguesia do Topo (*Roteiros Culturais dos Açores...* 2012:2). Mais à frente em 1882, a 2 de julho, foi formada a Parceira Mercantil Perseverança em Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira e posteriormente, em 1886, no dia 8 de fevereiro, foi constituída a Parceria Marítima da Pesca da Baleia, mais propriamente, no porto do negro, formando assim a Parceria Marítima de São Mateus (*Roteiros Culturais dos Açores...* 2012:2).

Com o passar dos anos, em 1910, a atividade baleeira foi interrompida na Terceira, havendo a suspensão da caça à baleia (*Roteiros Culturais dos Açores...* 2012:2). Em 1924, há a retoma da caça à baleia na ilha, oferecendo um alvará à Armação Baleeira Terceirense, conhecida como sucessora da Parceria Mercantil Perseverança (*Roteiros Culturais dos Açores...* 2012:2).

A Armação Baleeira foi afeta com uma profunda crise, que aconteceu em 1949, atingido de forma negativa a indústria baleeira açoriana por falta de mercado para exportar óleo (*Roteiros Culturais dos Açores...* 2012:2).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Património Baleeiro

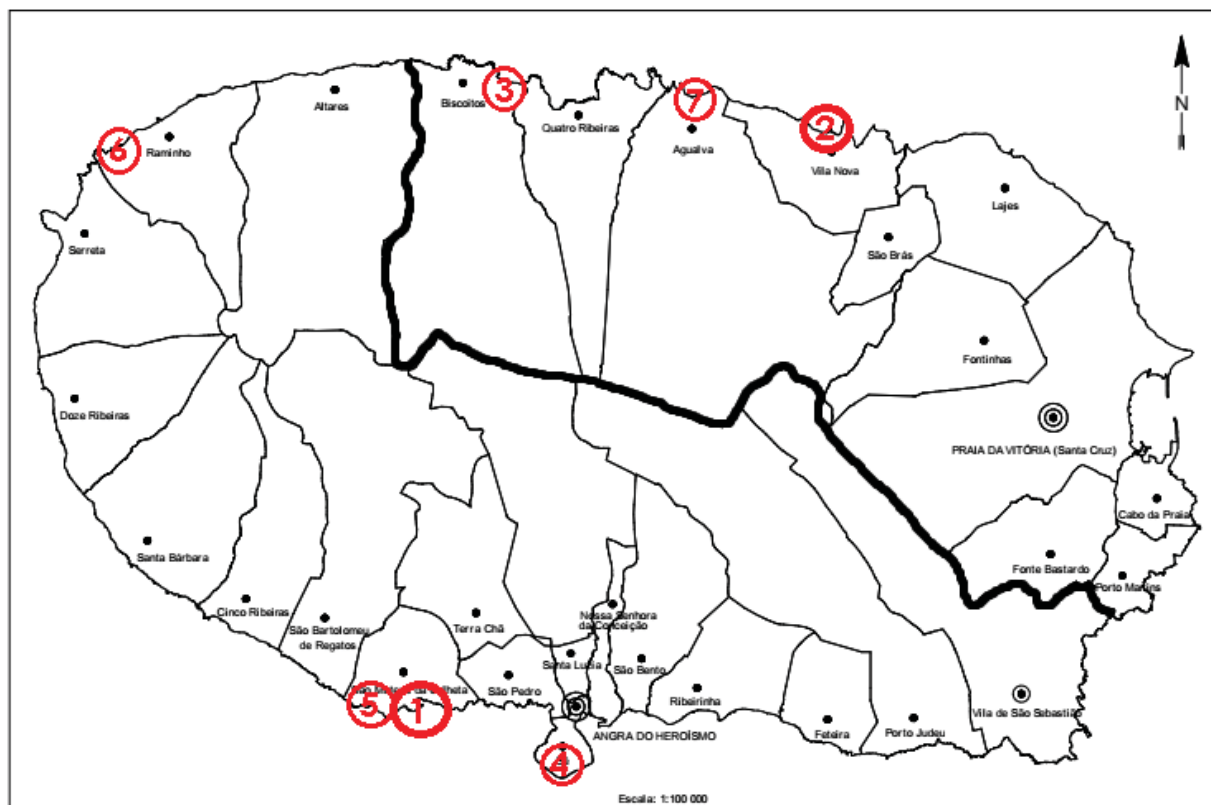


Figura 24 – Localização do Património Baleeiro

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Armazém; Casa dos Botes; Rampa de Varagem	São Mateus
2	Varadouro Baleeiro de Vila Nova	Vila Nova
3	Casa dos Botes; Rampa de Varagem/Alagem dos Biscoitos	Biscoitos
4	Vigia do Monte Brasil	Sé
5	Rampa de Alagem do Negroito; Traiol do Negroito	São Mateus
6	Vigia do Raminho	Raminho
7	Vigia da Agualva	Agualva

Roteiros Culturais dos Açores... 2012.

17.2. Reserva Arqueológica Subaquática

Angra do Heroísmo exerceu a função de porto durante mais de quatro séculos, sendo um dos principais dos Açores (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*). Este era muito importante devido à sua localização, servindo de ponto de escala e apoio durante a época de descobertas (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*).

A sua localização favoreceu a sua proteção, pois é um porto abrigado de todos os quadrantes, sendo um excelente ponto de escala para navios vindos das Índias Orientais, mais especificamente da costa africana e do Brasil (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*). Este era também local de escala de embarcações do Novo Mundo à procura de proteção militar (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*).

O porto era local de grandes perigos, devido ao seu recife submerso, localizado na ponta de São Sebastião e devido também aos ventos fortes que ali passavam, com orientação sul-sudoeste (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*). Este problema fazia com que os navios à vela ali atracados tivessem instáveis, acontecendo vários desastres (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*).

A baía era caracterizada por ter pouca profundidade, sendo conhecido como “Baixio das Águas”, sendo muito comum a ocorrência de naufrágios, a maioria tendo sido causada pelos s famosos “ventos carpinteiros” (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*). Os restos de madeira que iam dar à costa eram utilizados para a construção de edifícios na cidade (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*).

As forças das tempestades eram grandes, fazendo com que os cabos das âncoras quebrassem e estes afundassem (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A,;1-3*). Existem várias referências a histórias dos acontecimentos fatais que aconteciam aos navios que escalavam na baía de

Angra, com dados que apontam para 74 naufrágios entre 1552 e 1996 (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*). A maioria dos naufrágios localizam-se em 13 sítios arqueológicos na baía de Angra, em que dois deles encontram-se em bom estado de conservação, considerando-se um ponto turístico (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*). Estes englobam várias características geoculturais de grande interesse museográfico (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*).

Os dois locais geoculturais presentes na baía de Angra são conhecidos como “O Linador”, onde se encontra um naufrágio de um navio a vapor que rumava em direção ao Brasil, ocorrido em 1878 e “O Cemitério de Âncoras”, onde se localiza o antigo ancoradouro de Angra (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*).

Perante as avaliações arqueológicas destes locais, afirma-se que a visita de mergulhadores não afeta o património que lá existe, pois é um local que apenas tem vestígios de ferros com grandes dimensões (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*).

A criação do Parque Arqueológico Subaquático, permite que a região tenha uma importância acrescida e uma maior divulgação do turismo cultural, promovendo assim o conhecimento da história náutica dos Açores e contribuindo também para a construção da identidade da população (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*).

É um local que oferece um produto turístico-cultural, que permite a divulgação do nível turístico da baía de Angra (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*). Com a sua criação para fins turísticos, ou seja, para que seja um local visitável, vai contribuir para a sua preservação e consciencializar as pessoas da importância da conservação do nosso património (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*).

O Parque Arqueológico Subaquático, prolonga-se pela linha de costa entre a Ponta do Farol, a sul do Monte Brasil e a baía das Águas, a leste do Forte de São Sebastião (*Decreto Regulamentar Regional nº20/2005/A, :1-3*).

18. Alimentação e Património gastronómico

A gastronomia açoriana tem uma história de mais de cinco séculos, que perdurou até aos dias de hoje (*Cozinha Açoriana...*2019). Embora esta temática tenha uma bibliografia escassa, constitui um aspeto muito importante para a identidade do povo (*Cozinha Açoriana...*2019).

Desde o povoamento que surgem referências, relativamente à alimentação e produtos da gastronomia, estas publicadas por historiadores e cronistas açorianos como Gaspar Frutuoso, António Cordeiro ou Luís da Silva Ribeiro (*Cozinha Açoriana...*2019).

A gastronomia açoriana, desde sempre teve origem da gastronomia matriz portuguesa, sendo ao longo de seis séculos caracterizada pela dieta mediterrânica (*Cozinha Açoriana...*2019). Esta teve influência romana e muçulmana, mantendo-se intacta ao longo dos séculos em todas as ilhas, relativamente às características e processos de cozedura (*Cozinha Açoriana...*2019).

Os visitantes que frequentam os Açores, têm a possibilidade de vivenciarem aquilo que as ilhas têm de melhor para oferecer, nomeadamente, a gastronomia diversificada, que engloba sabores da terra e do mar com produção natural e de grande qualidade, como a carne, lacticínios, peixe e vinhos (*Cozinha Açoriana...*2019).

A ilha Terceira é muito rica a nível gastronómico, com produtos de grande destaque que vão desde o mar à terra.

O gado é criado nas pastagens ao ar livre, permitindo que a carne seja suculenta e saborosa (*Ilha Terceira...* 2018). Relativamente aos pratos principais de carne, damos destaque à Alcatra, Torresmos, Morcela, Linguiça, Coelho e a espetada de carne Angus, um bife caracterizado pela sua textura suave (*Ilha Terceira...* 2018).

A Alcatra é um dos pratos principais e mais famosos da ilha, sendo um prato típico açoriano que apareceu em 1450, no início do povoamento da Ilha Terceira (*Ilha Terceira...* 2018). A sua história deriva dos povoadores que chegaram à terceira vindos das Beiras, Trás-os-Montes, situada na região norte de Portugal, terra esta que possuía um prato idêntico à Alcatra, embora feito com carne de cabra, chamada “chanfana”, sendo uma fonte de inspiração para os açorianos (*Ilha Terceira...* 2018).

Como a alcatra era feita com a melhor parte do animal, era oferecida aos mais ricos, os senhorios, enquanto os lavradores, apenas recebiam as partes mais pobres, incluindo os ossos (*Ilha Terceira...* 2018). Este toque especial do osso na alcatra agradou os senhorios, tornando o prato, mas saboroso, passando a ser parte principal da receita à moda da Terceira (*Ilha Terceira...* 2018). É um prato muito característico das épocas festivas, como o Domingo de Páscoa e as Funções do Espírito Santo, sendo um elemento importante a nível de atração gastronómica da região (*Ilha Terceira...* 2018).

Relativamente às festas do Espírito Santo, estão presentes as tão conhecidas Sopas do Espírito Santo, o Cozido e a Massa Sovada, que fazem parte da vivência do culto, sendo também um prato essencial de atração turística (*Ilha Terceira...* 2018).

A doçaria da ilha é composta pelos bolos Dona Amélia (*Ilha Terceira...* 2018). O seu nome surgiu em 1901, com a visita da Rainha D. Amélia e do Rei D. Carlos à ilha, em que as senhoras de Angra do Heroísmo quiseram homenagear a visita feita fazendo um doce em sua honra. A sua confeção atual é feita em formato de queijada (*Ilha Terceira...* 2018).

O “Alfenim”, é um doce muito característico da ilha, associado igualmente às Festas do Espírito Santo. É caracterizado pela sua consistente pasta de açúcar, que é transformada, em obras de arte em forma de flores, pombas, galinhas, cisnes e coelhos (*Gastronomia...* 2018). Para além destes doces tradicionais, existem também as Cornucópia, o Arroz Doce e a Queijada do

Conde da Praia, esta que inicialmente era chamada de pudim de batata “Conde da Praia”, remetendo ao século XVII (Bettencourt, 2014).

A queijada do Conde da Praia, começou a ser feita no Convento de São Gonçalo, em Angra do Heroísmo, utilizando “batata da terra” (Bettencourt, 2014). Posteriormente, o 1º Visconde de Bruges e 1º Conde da Praia da Vitória, Teotónio d’Ornelas Bruges, fizeram deste doce o seu preferido, sendo elemento fundamental nos seus banquetes (Bettencourt, 2014).

Quando falamos na gastronomia da ilha Terceira, não podemos deixar de destacar os queijos, desde os frescos de leite de Cabra aos curados de Leite de Vaca (*Gastronomia...* 2018). O Queijo Vaquinha, é um dos locais principais a ser visitados, onde podemos degustar do queijo mais famoso da ilha e visitar o local de produção.

Nomeadamente às suas produções agrícolas com destaque gastronómico, temos a castanha, muito famosa na freguesia da Terra-Chã, localizada em Angra do Heroísmo. Esta foi uma produção muito importante na economia da ilha, tendo uma festa em sua homenagem, a Festa da Castanha, onde o elemento principal é a castanha e o vinho.

19. Artesanato

Um dos ofícios mais conhecidos é o artesanato, conhecido como produção de objetos manufaturados, para decoração ou utilidade prática (Aranda e Silva, 2008:6-20). Esta arte resulta de peças populares ou tradicionais de determinadas regiões do país, elaboradas por profissionais conhecidos como artesãos ou artífices (Aranda e Silva, 2008:6-20).

É uma atividade que perdurou até aos dias de hoje, sendo uma das profissões mais antigas do mundo, tendo resistido às mudanças do tempo, com destaque para a era industrial (Aranda e Silva, 2008:6-20). No entanto, o artesanato adaptou-se à modernização, mantendo a sua atividade com novas técnicas e materiais (Aranda e Silva, 2008:6-20). Quanto ao artesanato tradicional, este manteve-se em zonas rurais (Aranda e Silva, 2008:6-20).

O artesanato é uma atividade que existe nos Açores desde o povoamento, em que os primeiros utensílios eram feitos de forma artesanal (Aranda e Silva, 2008:6-20). Como viviam de recursos marinhos, da atividade silvícola e da agropecuária, foram desenvolvendo artes e técnicas com os diversos materiais de lhes eram proporcionados, como a pedra, madeira, barro, entre outros, tornando-se um elemento importante na economia das ilhas (Aranda e Silva, 2008:6-20).

As tarefas estavam divididas entre homens e mulheres, às mulheres incumbia a tarefa de manufatura de tecelagem, bordados, rendas, costura, entre outros, enquanto que os homens ficavam com as tarefas de maior dureza, como as de pedreiro, sapateiro, carpinteiro, marceneiro, telheiro, entre muitas outras (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Atualmente o produto com mais destaque é o bordado, nomeadamente nas ilhas Terceira e Graciosa (Aranda e Silva, 2008:6-20). Vindo da Madeira, o

bordado chegou à Terceira há cerca de 100 anos (Aranda e Silva, 2008:6-20). Embora a mecanização tenha evoluído, os bordados locais continuam a manter a tradição de serem manufaturados (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Na ilha Terceira, o bordado passou por ser “aberto e cheio”, estas que eram as técnicas mais utilizadas na altura, nomeadamente nos enxovais das jovens casadoiras (Aranda e Silva, 2008:6-20). O material utilizado era o fio de algodão ou linho em tecido branco e cru (Aranda e Silva, 2008:6-20). Ao evoluir, passou a ser utilizado a técnica do richelieu, mas mantendo-se o “cheio” que foi enriquecido com o “ilhó”, proporcionando assim uma maior harmonia (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Os Estados Unidos da América, Canadá, Alemanha, Inglaterra, Brasil e Itália, foram os destinos de eleição para a exportação do bordado (Aranda e Silva, 2008:6-20). Embora, a sua exportação tenha diminuído devido ao turismo e falta de mão-de-obra, os que se ainda mantêm nesta indústria, fazem de tudo para manter a qualidade do seu fabrico, sendo o bordado um produto certificado (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Outra atividade artesanal de prestígio é tecelagem, sendo uma das mais antigas nos Açores. No entanto, são poucos os teares em funcionamento na ilha Terceira (Aranda e Silva, 2008:6-20).

A olaria aparece em 1655, ganhando fama ao longo dos tempos, persistindo até ao século XX (Aranda e Silva, 2008:6-20). Esta arte é caracterizada pelo fabrico de artefactos em barro não só para a vida do dia-a-dia, como também no fabrico de potes, talhões, talhas e alguidares, o fabrico de telhas, tijolo e tijoleira (Aranda e Silva, 2008:6-20). O barro utilizado para a base das peças, era uma mistura com barro vindo de Santa Maria e do Continente, enquanto que o barro existente na ilha Terceira, de qualidade inferior, servia para fazer a mesma mistura (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Nos dias de hoje existem dois ou três oleiros em toda a região, sendo um deles em Angra do Heroísmo (Aranda e Silva, 2008:6-20). A peça mais

procurada, principalmente pelos turistas que nos visitam, é o Alguidar de alcatra (Aranda e Silva, 2008:6-20).

O fabrico da cerâmica foi introduzido na Terceira em meados do século XIX (Aranda e Silva, 2008:6-20). Embora não sendo considerada uma indústria tradicional, era conhecido pela sua marca popular (Aranda e Silva, 2008:6-20). Na ilha Terceira existiram diversos louceiros tradicionais e em 1886 foi criada a primeira fábrica, Fábrica de Louça Progresso Angrense, conhecida como Fábrica de Cerâmica Terceirense e Fábrica Scotto. Esta foi encerrada em 1975 (Aranda e Silva, 2008:6-20). Nos dias de hoje, apenas existe uma cera ceramista em trabalho ativo que trabalha em cerâmica vidrada (Aranda e Silva, 2008:6-20).

O vime foi outro recurso utilizado como arte de cestaria. Este foi um dos primeiros recursos naturais dos povoadores do arquipélago, que era extraído da casca das árvores e arbustos (Aranda e Silva, 2008:6-20). Era um material usado pelos militares para a produção de escudos e esteve presente na criação do primeiro protótipo de balões e aviões, pois apresentam pouco peso e resistência (Aranda e Silva, 2008:6-20).

A madeira foi outro recurso muito importante no povoamento das ilhas, que permitia a construção de vários objetos, como habitações, mobiliário, instrumentos de uso familiar e de trabalho. Havia principal destaque para a construção de arcas, cangas e tabuleiros de bolos (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Outra técnica que podemos considerar artesanato é a fusão do vidro (Aranda e Silva, 2008:6-20). Esta arte foi difundida através do Egipto e Mesopotâmia e implementada em todos os continentes (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Temos ainda os trabalhos em estanho, que pode ser considerado artesanato em que as suas peças eram, primeiramente, desenhadas em papel vegetal e só depois em estanho (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Uma das formas de decoração utilizadas eram os guardanapos de papel, que era colocado em tabuleiros e telas com recurso à cola, vernizes e pincéis (Aranda e Silva, 2008:6-20). No caso da pintura em panos e vestidos, estes que eram utilizados, em parte, para as “rainhas” de cada freguesia (Aranda e Silva, 2008:6-20). Quanto às mantas e colchas, estas fazem, ainda hoje, parte da tradição e cultura da ilha, como uma tradição colorida utilizada nas varandas das habitações em procissões ou desfiles associados ao culto do Divino Espírito Santo (Aranda e Silva, 2008:6-20).

O empalhamento é caracterizado por uma arte de tecer, em que a base é a madeira de pinho ao natural com diversas colorações (Aranda e Silva, 2008:6-20). O instrumento usado nesta arte é chamado de “palhinha” com espessuras entre 1,6 e 4 milímetros (Aranda e Silva, 2008:6-20). Nos dias de hoje, apenas existe uma artesã nos Açores que trabalha em empalhamento, sendo uma arte com muito procura (Aranda e Silva, 2008:6-20).

Os artefactos foram desenvolvendo ao longo dos tempos consoante a necessidade da população, adaptando-se ao desenvolvimento da natureza do arquipélago com uma articulação entre a tradição e a modernidade (Aranda e Silva, 2008:6-20). Isto levou à criação de uma identidade, a identidade do povo açoriano (Aranda e Silva, 2008:6-20).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Artesanato

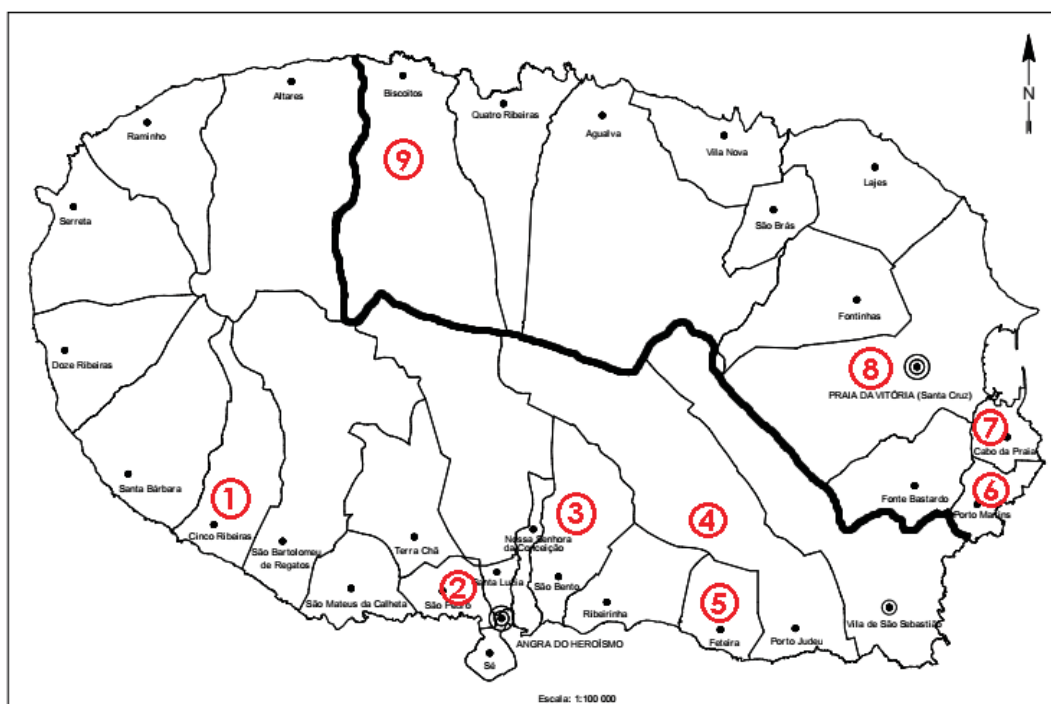


Figura 27 – Localização de pontos interesse relativos ao artesanato

Legenda	Nome do Recurso	Localização
1	Pintura e Cerâmica; Tecelagem	Cinco Ribeiras
2	Miniaturas em Madeira; Trabalhos em Retalhos	São Pedro
3	Olaria	São Bento
4	Fusão do Vidro	Porto Judeu
5	Estanho; Faiança; Miniaturas em Madeira	Feteira
6	Pintura em Vestidos	Porto Martins
7	Bordados em Máquina	Cabo da Praia
8	Aplicações em Guardanapos e Feltro; Empalhamento; Estanho; Pintura em Pano	Santa Cruz
9	Vimes	Biscoitos

Aranda e Silva, 2008.

20. Ciclos Religiosos e Festivos

20.1. Danças de Entrudo

O Entrudo é designação mais comum entre a população para se referir ao Carnaval. Este ocupa um lugar central no calendário de festividades populares da ilha Terceira onde, adquirindo ao longo do tempo um conjunto de características que o torna único (Duarte, 2001:87).

De entre todas as características temos a que consiste no afastamento dos modelos tradicionais europeus, que são baseados na antropomorfização dos maus espíritos através da máscara e das indumentárias, estas que nos anos de 1960, ainda existiam e dominavam na ilha (Duarte, 2001:87). Para além disso temos outra característica, que assenta na não-inscrição da dimensão desfilística, como há um pouco por todo o mundo, como é exemplo o carnaval do Brasil (Duarte, 2001:87).

A característica mais importante do Entrudo da Terceira são as danças, esta que é conhecida como uma espécie cultural articula a dança com uma forma dramática e que foi evoluída a partir dos autos medievais de tradição ibérica. (Duarte, 2001:87).

As danças que eram feitas também estiveram ligadas às touradas de praça, sendo um pequeno espetáculo exibido nos intervalos. No entanto, esta forma de espetáculo foi, pouco e pouco, sendo restringidas ao período do Entrudo, sendo confundidas com ele. (Duarte, 2001:87).

20.2. Ciclo da tourada à corda

A tradição das touradas na Terceira remonta ao século XVI, quer pela abundância de gado nessa época (mais de 100.000 cabeças), quer pela origem dos primeiros povoadores de províncias com tradição tauromáquica e a posterior presença castelhana (*Touradas...* 2017).

É um espetáculo, que acontece no verão, alegre e movimentado em que o touro tem os movimentos condicionados por uma corda, que é controlada por um grupo de homens (*Touradas...* 2017).

As touradas à corda realizam-se entre 1 de maio e 15 de outubro, com um horário das que tem início entre as 16h00 e as 18h30 de 1 de maio e 31 de agosto e entre as 16h00 e as 18h00 de 1 de setembro a 15 de outubro (*Tudo ...2020*).

Esta tradição duração máxima de 2h30, onde são corridos quatro touros presos por uma corda que é segurada por dois grupos de quatro pastores, estes que controlam o touro para que nada de mal aconteça a quem está a participar da corrida. Nas touradas é obrigatório os touros estarem devidamente embolados (*Tudo ...2020*).

No que toca ao vestuário dos pastores, é composto por um chapéu de feltro preto, uma camisola branca e calças pretas ou cinzentas (*Tudo ...2020*).

Quanto à saída do touro da gaiola é assinalada com foguetes, que são ouvidos em toda a ilha. Por toda a zona onde ocorrem as touradas, estão instaladas várias tascas para entreter o público que visita e gosta desta tradição (*Tudo ...2020*). Estas encontram-se sempre fora das marcas assinaladas no chão, respetivas à zona de limite que o touro pode alcançar (*Tudo ...2020*).

20.3. Impérios do Espírito Santo

Nos Açores existe um importante culto ao Espírito Santo, que é marcado por um povo que cumpre desde sempre rituais herdados e nunca esquecidos, mesmo estando sujeitos à modernidade (Duarte, 2008:3). Com isto, o povo açoriano criou um espaço próprio para celebrar este culto (Duarte, 2008:3).

Esta ideia de espaço já existia na Idade Média e eram chamados pelos franceses como “casa do Espírito”, esta que foi adotado pelos açorianos como “Impérios”, caracterizados por ser um lugar onde o Espírito Santo se expõe, para receber os votos dos fiéis (Duarte, 2008:3).

Arquiteticamente, os Impérios apresentam semelhanças a capelas, com uma notável monumentalidade estética e artística, que resultava da inspiração popular (Duarte, 2008:3).

A ilha Terceira apresenta um património incontornável, representado pelos impérios (Duarte, 2008:3). O mais antigo foi construído em 1670, conhecido com Império do Outeiro em Angra do Heroísmo (Duarte, 2008:3). No entanto a maior parte foi construída nos séculos XIX e XX (Duarte, 2008:3).

Os impérios, inicialmente, eram construídos com madeira e montados no próprio local e com o passar dos anos foi sendo substituído por outros materiais mais consistentes (Duarte, 2008:3). Todos eles se assemelham em volume, formato, número de portas e janelas, nas almofadas e colunas de cantaria, nos arcos e arremates, nos detalhes ornamentais com elementos que fazem parte da simbologia do Espírito Santo (Duarte, 2008:3). É de salientar as suas cores alegres, que era feita pelos habitantes de cada freguesia (Duarte, 2008:3).

ATLAS DOS RECURSOS TURÍSTICOS DA ILHA TERCEIRA

Impérios do Espírito Santo

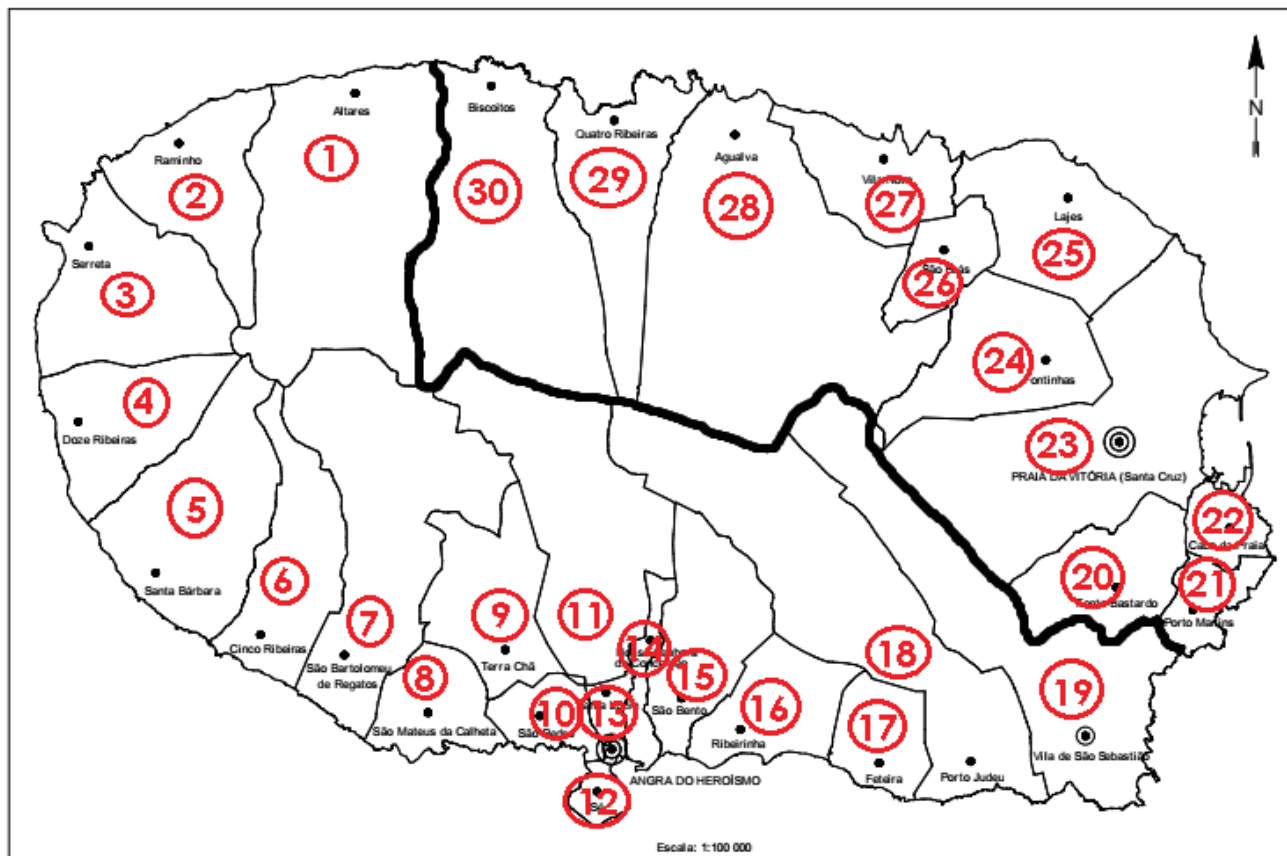


Figura 28 – Localização de Impérios do Espírito Santo

Legenda	Localização	Nº de Recursos
1	Altares	1
2	Raminho	1
3	Serreta	1
4	Doze Ribeiras	1
5	Santa Bárbara	1
6	Cinco Ribeiras	1
7	São Bartolomeu	2
8	São Mateus	2
9	Terra-Chã	4
10	São Pedro	5
11	Posto Santo	3
12	Sé	1
13	Santa Luzia	4
14	Conceição	8
15	São Bento	3
16	Ribeirinha	4
17	Feteira	2
18	Porto Judeu	3
19	São Sebastião	2
20	Fonte Bastardo	1
21	Porto Martins	1
22	Cabo da Praia	1
23	Santa Cruz	8
24	Fontinhas	1
25	Lajes	2
26	São Brás	1
27	Vila Nova	1
28	Aqualva	2
29	Quatro Ribeiras	1
30	Biscoitos	2

Duarte, 2008

20.4. Sanjoaninas de Angra do Heroísmo

As Sanjoaninas são essencialmente o culto por S. João Batista, este que data da fundação da nacionalidade, recebendo a consagração oficial no século XV, no reinado de D.João II. Já no século XVI, o Papa Júlio II, mandou celebrar grandes festas para comemorar a vitória pelos hospitaleiros de Rhodes contra a armada turca (Gomes, 1986). Estas festas coincidiram com as celebrações Baptisinas e como na época se incrementava o povoamento dos Açores, o acontecimento terá influenciado tais festividades, que passaram a denominar-se “Joaninas” (Gomes, 1986).

Nessa mesma altura, instalaram uma capela no canto da rua de S. João devotada a S. João Batista, esta mandada construir pelo fidalgo terceirense João Vieira O Velho, no século XVI (Gomes, 1986). As festas eram preenchidas com torneios e touradas, esta efetuadas na Praça Velha (Gomes, 1986).

Estas festas não duraram muito tempo, voltando ao ativo nos anos 30, implementando-se no calendário festivo da ilha como “Festas da Cidade” (Gomes, 1986). O seu programa varia de ano para ano, chamando centenas de turistas e emigrantes, contando-se entre eles as já muito conhecidas “tasquinhas”, a oferecerem alguns petiscos da gastronomia regional (Gomes, 1986).

20.5. Ciclo dos Santos Padroeiros

20.5.1. Festa da Serreta

As festas da Serra são conhecidas como as mais importantes da ilha Terceira, originários do século XVII (*Festa da Serreta...* 2018).

A devoção popular que existe pela Nossa Senhora dos Milagres está relacionada algumas fases da história da ilha, como a época, no século XVIII, em que Portugal esteve envolvido na guerra entre a França e a Espanha contra Inglaterra, em que a ilha Terceira se encontrava sem meios de defesa e as autoridades militares e civis ao encontrarem, em primeiro lugar, a imagem de Nossa Senhora dos Milagres, na Igreja das Doze Ribeiras (*Festa da Serreta...* 2018). Ao se depararem com a imagem, prometeram tornarem-se seus escravos e que iriam promover uma festa anual se a ilha não sofresse ataque inimigo (*Festa da Serreta...* 2018).

Com a promessa feita, foi realizada a primeira festa, a 11 de Setembro de 1764, quando houve a fundação da Irmandade dos Escravos de Nossa Senhora, no entanto a sua realização não foi contínua (*Festa da Serreta...* 2018). Foi em 1842, com a construção da Igreja paroquial da Serreta, que a festividade foi evoluindo, atraindo muitos visitantes de outras freguesias (*Festa da Serreta...* 2018).

As festas da Serreta realizam-se todos os anos e em apenas três dias de festa, chegam ao santuário cerca de 10 a 12 mil peregrinos, este que foi elevado há 12 anos como Santuário Diocesano, por D. António de Sousa Braga (*Festa da Serreta...* 2018).

20.6. Festa lúdica

20.6.1. Festas da Praia da Vitória

A criação das Festas da Praia ocorreram na segunda metade da década de 1970, época a qual se vivia o período pós revolucionário do 25 de Abril, o que levou a grandes mudanças a nível do clima social, proporcionando o decréscimo na participação e qualidade das Sanjoaninas, festas estas que se realizavam bienalmente em Angra do Heroísmo, que ocorriam nos anos ímpares (*Historial festas... 2020:2,3*).

Perante esta situação de tensão a organização das Sanjoaninas propôs à Praia da Vitória o planeamento de um evento nos anos pares, para que assim houvesse uma melhoria a nível social, de ânimo (*Historial festas... 2020:2,3*). Ao receber a proposta, imediatamente, a população da Praia aceitou e nomeou uma direção de forma a reconstruir as Sanjoaninas (*Historial festas... 2020:2,3*).

A criação destas festas, fez com que se constituísse, o que é hoje conhecido como o melhor dia das festas, o dia das Marchas de S. João (*Historial festas... 2020:2,3*). As Sanjoaninas realizaram-se na Praia da Vitória até 1989, em que se celebrou ao mesmo tempo nas duas cidades a mando da Câmara de Angra do Heroísmo (*Historial festas... 2020:2,3*). Com isto, em 1991, a Câmara Municipal da Praia da Vitória, decidiu realizar, bianualmente no mês de agosto, as que hoje conhecemos como Festas da Praia, com o objetivo de criar as suas próprias festividades, de forma a que não coincidissem com as Sanjoaninas (*Historial festas... 2020:2,3*).

Com esta onda de festividades, em 1999 é organizada a primeira Feira de Gastronomia, que com o passar dos tempos foi sendo aperfeiçoada, tornando-se um elemento muito importante das festas (*Historial festas... 2020:2,3*). Para melhorar as festividades, foi criado também um espaço de música eletrónica, em 2005, denominado *Dream Zone*, sendo atribuído mais

tarde o nome de *Blue Music Resort* (*Historial festas...* 2020:2,3). Este espaço, constitui uma atração direcionada para os mais jovens e para os amantes do espetáculo musical, sendo outro elemento fundamental das festas da Praia (*Historial festas...* 2020:2,3). De forma a sustentar a economia das festas, foi introduzido o pagamento dos espetáculos formato de espetáculos (*Historial festas...* 2020:2,3).

21. Conclusão

Podemos concluir que o Atlas dos Recursos Turísticos Natureza-Cultura da ilha Terceira é uma ferramenta de grande utilidade num local como a ilha que apresenta recursos nas mais variadas áreas, sem ser propriamente somente a natureza, como é vendida, mas alguns de outros recursos que possam passar mais despercebidos, para que o turista tenha uma prévia visão mais abrangente do que pode ficar a conhecer e visitar.

Infelizmente, face ao atual estado de pandemia provocado pelo Covid-19, foram encontradas várias restrições no que diz respeito à leitura e requisição de certos livros, pelo que foi optado maioritariamente por fontes online.

Ao realizar as pesquisas para este projeto, fui aprendendo um pouco mais sobre algumas das tradições terceirenses e o seu património, cujo alguns destes recursos, infelizmente, se perderam.

A valorização e prevenção destes recursos é de máxima importância, pois faz parte da identidade de um povo. Deve ser preservada para as gerações futuras, assim como não perder o encanto de quem nos visita.

Por fim, em termos pessoais, a realização deste projeto permitiu-me ganhar mais experiência na construção e organização de recursos turísticos e permitiu que houvesse uma ideia de que a elaboração de um atlas de recursos turísticos para cada ilha dos Açores tem bastante potencial futuramente para a sua gestão, conhecimento e dinamização.

22. Fontes

22.1. Bibliografia

Abreu, Alexandre e José Moreira (COORDS.). 2005. *Livro das Paisagens dos Açores - Contributos para a Identificação e Caracterização das Paisagens dos Açores*. Ed. Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos.

Aranda e Silva. 2008. *Artes e Ofícios Tradicionais das Ilhas Terceira e Graciosa*. 1ª Edição, GRATER- Associação de Desenvolvimento Regional. Tipografia Açores. Açores, Portugal.

Azevedo, A. F. L. 2019. *Proposta de um roteiro de miradouros no Norte de Portugal: a importância da paisagem como recurso turístico*. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Hotelaria e Turismo. Relatório de estágio do mestrado em Gestão de Turismo.

Bettencourt, Luis. 2008. Moinhos de vento dos Açores. Novo papel na sociedade contemporânea. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.

Bettencourt, S. 2014. *Bolo apresentado nas Festas Concelhias: “Conde da Praia” é nova aposta na doçaria praiense*. Jornal da Praia. Funchalense - Empresa Gráfica, S.A.

Borges, P.A.V., F. Pereira, & A. Silva. 1994. “Grutas e Algares dos Açores. I - Seis novas topografias de tubos de lava da ilha Terceira”. *Actas do III Congresso Nacional de Espeleologia e I Encontro Internacional de Vulcanospeleologia das Ilhas Atlânticas*. Angra do Heroísmo, Açores, Portugal 1992.

Carqueijeiro, E. 2005. *Áreas ambientais dos Açores*. Horta, Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Direcção Regional do Ambiente.

Carreira, G. P., & F. M. Porteiro, 2015. O mar dos Açores e a sua valorização estratégica: descrição do espaço marítimo e socioeconómico. *Nação e Defesa*.

Costa, Antonieta e M. Jardim. 2020. *A Marca Invisível*. Lisboa. LisbonPress.

Daniel, A. C. M. 2010. Caracterização do sector turístico em Portugal. *Tékhné-Revista de Estudos Politécnicos*.

Decreto Regulamentar Regional n.º 20/2005/A de 12 de Setembro de 2005. *Diário da República n.º 196/2005, Série I-B de 2005-10-12*. Cria o Parque Arqueológico Subaquático da Baía de Angra, na ilha Terceira.

Dias, E. & R. Gabriel. 1992. *Distribuição das comunidades vegetais no algar do carvão*. Terceira, Açores.

Dionísio, M., P. Rodrigues, & A. Costa. 2007. *Biodiversidade e conservação – Contributo para a gestão integrada de zonas costeiras nos Açores*.

Duarte, Mário Duarte. 2001. *Carnaval 2000. A ilha Terceira em Festa*. Angra do Heroísmo, BLU Edições.

Duarte, M. 2008. *Terceira, a Ilha dos Impérios*. 1, Blu Edições. Açores, Portugal.

Elias, R. B. 2013. "Floresta natural dos Açores". *Pingo de Lava*, 37. Angra do Heroísmo, Angra do Heroísmo, Associação os Montanheiros.

Fernandes, J. G. C. 1985. *Terceira (Açores): estudo geográfico*, 2 vols. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Tese de doutoramento em geografia humana.

Fernandes, J. M. 1989. *Angra do Heroísmo*. Lisboa, Editorial Presença.

Forjaz, V. H. 2004. *Atlas Básico dos Açores*. OVGA – Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores. Ponta Delgada, São Miguel.

França, Z., J. V. Cruz, J. C. Nunes & V. H. Forjaz. 2003. "Geologia dos Açores: uma perspectiva actual". *Açoreana*, 1. Ponta Delgada, Sociedade Afonso Chaves.

Gomes, A. 1986. *Cozinha tradicional da ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura.

Inventário do Património Imóvel dos Açores. Terceira. Angra do Heroísmo, 1 vol. 2014. Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura, Instituto Açoriano de Cultura, Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Inventário do Património Imóvel dos Açores. Terceira. Praia da Vitória. 2004. Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura, Instituto Açoriano de Cultura, Câmara Municipal da Praia da Vitória.

Lobão, C. e A. Ramires. 2007. *Na Rota das Ilhas- Moinhos de Vento dos Açores*. Horta. Clube de Filatelia “O ilhéu”.

Martins, R. S. 2019. *Antropologia e Etnografia. Programa*. Angra do Heroísmo, Universidade dos Açores.

Oliveira, E. V., F. Galhano. & B. Pereira. 1965. *Moinhos de vento Açores e Porto Santo*. Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Omar, A. A., A. S. Chilengue, G. C. Sotaria, M. Julieta, E. L. Lapucheque, & P. S. Maica. 2019. *Análise geopatrimonial do monte M'ponduine, Namaacha-Moçambique. A geoconservação no contexto do Antropoceno: desafios e oportunidades*, pp:137.

Pacheco, J. M., T. Ferreira, G. Queiroz, N. Wallenstein, R. Coutinho, J. V. Cruz & C. Goulart. 2013. *Notas sobre a geologia do arquipélago dos Açores*. Geologia de Portugal. Lisboa, Escolar Editora.

Resendes, T., J. Moniz. 2015. “Sobre Relheiras da Ilha Terceira”. *Pingo de Lava*, 39. Angra do Heroísmo, Associação os Montanheiros.

Resolução nº234/96 de 3 de outubro. *Diário da República nº24- 1ª série*. Secretaria Regional da Energia, Ambiente e Turismo. Açores.

Rezendes, S. A. F. 2009. *A Grande Guerra nos Açores: memória histórica e património militar*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Dissertação de Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento.

Rota do Toiro/Bull Route. Direção Regional do Turismo. Desdobrável. Angra do Heroísmo.

Roteiros Culturais dos Açores. Património Baleeiro: Terceira, Graciosa e São Jorge. Direção Regional da Cultura dos Açores. Bizex Projectos. Açores-Portugal.

Silva, I. C. 2012. *A Ribeira dos Moinhos-Memória Histórica e Gestão Patrimonial*. Angra do Heroísmo, Açores, Portugal.

Silveira, L. 2013. *Aprender com a história. Modos de interação com a natureza na ilha Terceira (do povoamento ao século XX)*. Cascais, Principia.

Silveira, S. A. F. L. 2011. *Impacte de *Pittosporum undulatum* na vegetação natural dos Açores: o estudo de um caso na ilha Terceira*. Universidade dos Açores. Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente.

Tomé, R. 2013. *Mudanças climáticas nas regiões insulares*. Universidade dos Açores. Angra do Heroísmo. Tese de Doutoramento em Física.

Tovar, Z. M. S. B. 2010. *Pedestrianismo, percursos pedestres e turismo de passeio pedestre em Portugal*.

22.2. Webgrafia

Açores querem que turismo chegue a todas as ilhas durante todo o ano. 2019. Agência Lusa. Consultado em: <https://www.dnoticias.pt/pais/acoes-querem-que-turismo-chegue-a-todas-as-ilhas-durante-todo-o-ano-HX5264548>

Angra do Heroísmo nos Açores. Comissão Nacional da UNESCO. Consultado em: <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/angra-do-heroismo-nos-acoes>.

Barbado da Terceira- História "O pastor Açoriano". 2018. Cão Nosso. Consultado em: <https://www.caonosso.pt/guia-de-racas/racas-de-caes-medios/barbado-da-terceira>

Barcelos, P. 2011. *Museu Vulcanoespeleológico, Ilha Terceira. SIARAM-Centros Ambientais*. Consultado em: http://siaram.azores.gov.pt/centros-interpretacao/museu-montanheiros/_intro.html

Campanha S.O.S. Cagarro. 2019. Educar para o Ambiente e a Sustentabilidade. Consultado em: <http://educarparaoambiente.azores.gov.pt/epas/13/campanha-sos-cagarro>

Castillo, H. M. 2012. *Recursos Turísticos: Introducción a los recursos turísticos*. Consultado em:

<https://www.um.es/documents/3239701/9597895/recursos.pdf/5be347a0-dd58-4d6d-a97d-41819f878941>

Censo dos Milhafres (XIII). Consultado. 2018. Educar para o Ambiente e a Sustentabilidade. Consultado em: <http://educarparaambiente.azores.gov.pt/epas/288/spea-lanca-o-xiii-censo-de-milhafres>

Centros Ambientais- Viveiro Florestal de Espécies Autóctones. 2012. SIARAM. Consultado em: http://siaram.azores.gov.pt/centros-interpretacao/viveiro-florestal-especies-autoctones/viveiro-florestal-especies-autoctones.pdf?fbclid=IwAR2IsZ0h7FWGh_4DpFGHUXJF6k11q_gIFEGgxe3pGdSWm9j_Sv6HKCzyc4

Cozinha Açoriana- Tradição e Inovação. 2019. Açores- Gastronomia. Consultado em: <https://cozinhaacoriana.pt/>

Duque, H. 2018. *PIB Mundial: 10% é Turismo.* Consultado em <http://www.alertatotal.net/2018/07/pib-mundial-10-e-turismo.html>

Fauna das Terras do Priolo. 2020. Governo dos Açores. Consultado em: <https://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Fauna.htm>

Fauna e Flora. Geoparque. 2020. Consultado em: https://www.azoresgeopark.com/acoeres/fauna_flora.php

Festa da Serreta é a mais popular da Terceira durante o Verão. 2018. VITEC. Consultado em: <https://www.azorestv.com/index.php/news/1244/festa-da-serreta-%C3%A9-a-mais-popular-da-terceira-durante-o-ver%C3%A3o/>

Festas do Divino Espírito Santo. 2020. Explore Terceira. Consultado em: <https://www.exploreterceira.com/festas-do-divino-espírito-santo/>

Gardens and Parks- Duque da Terceira Garden. 2020. Explore Terceira. Consultado em: <https://www.exploreterceira.com/en/jardins-parques/jardim-duque-da-terceira/>

Gastronomia e Vinhos. 2018. Explore Terceira. Consultado em: <https://www.exploreterceira.com/ver-fazer/gastronomia-e-vinhos/>

Geomorfologia. Instituto de Investigação em Vulcanologia e Avaliação de Riscos (IVAR). Consultado em: <http://www.cvarg.azores.gov.pt/geologia-azores/terceira/Paginas/GA-Terceira-Geomorfologia.aspx>.

Historial Festas da Praia. 2020. Festas da Praia. Consultado em: http://www.festasdapraia.com/?fbclid=IwAR1KShxJ213d9TPQqbM9bEnJnNOv-dzB71K2aCTAoEEznH4mC5_sgWzfYU0

Ilha Terceira- Alcatra à Moda da Terceira. 2020. byAçores. Consultado em: <https://byacores.com/alcatra-moda-terceira/>

Inventário do Património Imóvel dos Açores- Arquitetura do Ramo Grande. IAC (Instituto Açoriano da Cultura). Consultado em: <https://www.iacazores.org/iac2018/projetos/IPIA/terceira/praiavitoria/arquitetura.html>

Jardim Municipal da Praia da Vitória. 2016. Geocaching. Consultado em: https://www.geocaching.com/geocache/GC6RQJ2_jardim-municipal-da-praia-da-vitoria?guid=12a90b40-8a63-45b1-8930-9d9b15798c66

Mar de Descobertas. 2020. Explore Terceira. Consultado em: <https://www.exploreterceira.com/um-mar-descobertas/>

Miradouros. 2020. Explore Terceira. Consultado em: <https://www.exploreterceira.com/miradouros/>

Paiva, R. P. 2019. *Açores são o primeiro arquipélago do mundo com certificado de destino turístico sustentável*. Consultado em: <https://www.publico.pt/2019/12/05/fugas/noticia/acoes-sao-arquipelago-mundo-certificado-destino-turistico-sustentavel-1896317>

Parque Natural da Ilha Terceira. 2011. Governo dos Açores. Consultado em: <https://www.azores.gov.pt/Gra/srnatureza/conteudos/livres/Parque+Natural+da+Ilha+Terceira.htm>

Património Cultural- Touro Bravo na Ilha Terceira. 2013. SIARAM. Consultado em: http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/touro-bravo/_intro.html

Património Natural- Património Geológico e Geossítios. 2017. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. Consultado em: <http://www2.icnf.pt/portal/pn/geodiversidade/patrimonio-geologico>

Póneis da Ilha Terceira. 2019. História e Memória. Consultado em: <https://philangra.blogspot.com/2019/01/ponei-da-ilha-terceira.html>

Raça Ramo Grande- Origem, História e Evolução. 2020. Bovino Ramo Grande. Consultado em: <http://www.bovinoramogrande.pt/conteudo.php?idm=4>

Silva, H. 2019. *Viaturas de Tracção Animal dos séculos XVIII a XIX*. Museu de Angra do Heroísmo. Consultado em: https://museu-angra.azores.gov.pt/edicoes/2010/Viaturas-de-Traccao-Animal.pdf?fbclid=IwAR3ZSFPgzTSWHmbW_inx80bDDFiNF8DRUBhrKOe_kKIWmbELZqC8_dh52bc

Sobre a Quinta do Martelo. 2018. Quinta do Martelo. Consultado em: <https://quintadomartelo.net/about-us/>

Solares e Palácios. 2020. Explore Terceira. Consultado em: https://www.exploreterceira.com/listagens/?listing_types=solares-palacios

Top Azores: As maiores casas de espetáculos dos Açores. 2019. Agenda Açores. Consultado em: <https://agendacores.pt/as-maiores-casas-de-espetaculos-dos-acoresh/>

Touradas à corda. 2017. O Guia. Consultado em: <https://www.guiadacidade.pt/en/art/touradas-a-corda-19182-43>

Trilhos dos Açores. 2020. Açores. Consultado em: <http://trails.visitazores.com/pt-pt/trilhos-DOS-Acores>

Tudo o que necessita saber sobre touradas à corda. 2020. Explore Terceira. Consultado em: <https://www.exploreterceira.com/recomendac%CC%A7o%CC%83es-touradas-corda/>

Weather Spark. 2020. Consultado em: <https://pt.weatherspark.com/>

22.3. Cartografia

Forjaz, V.H. et al. 2017. Carta Geoturística e Geoambiental Preliminar dos Açores. Lagoa, OVG.

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Agrárias e
do Ambiente

Rua Capitão João d'Ávila
9700-042 Angra do Heroísmo
Açores, Portugal